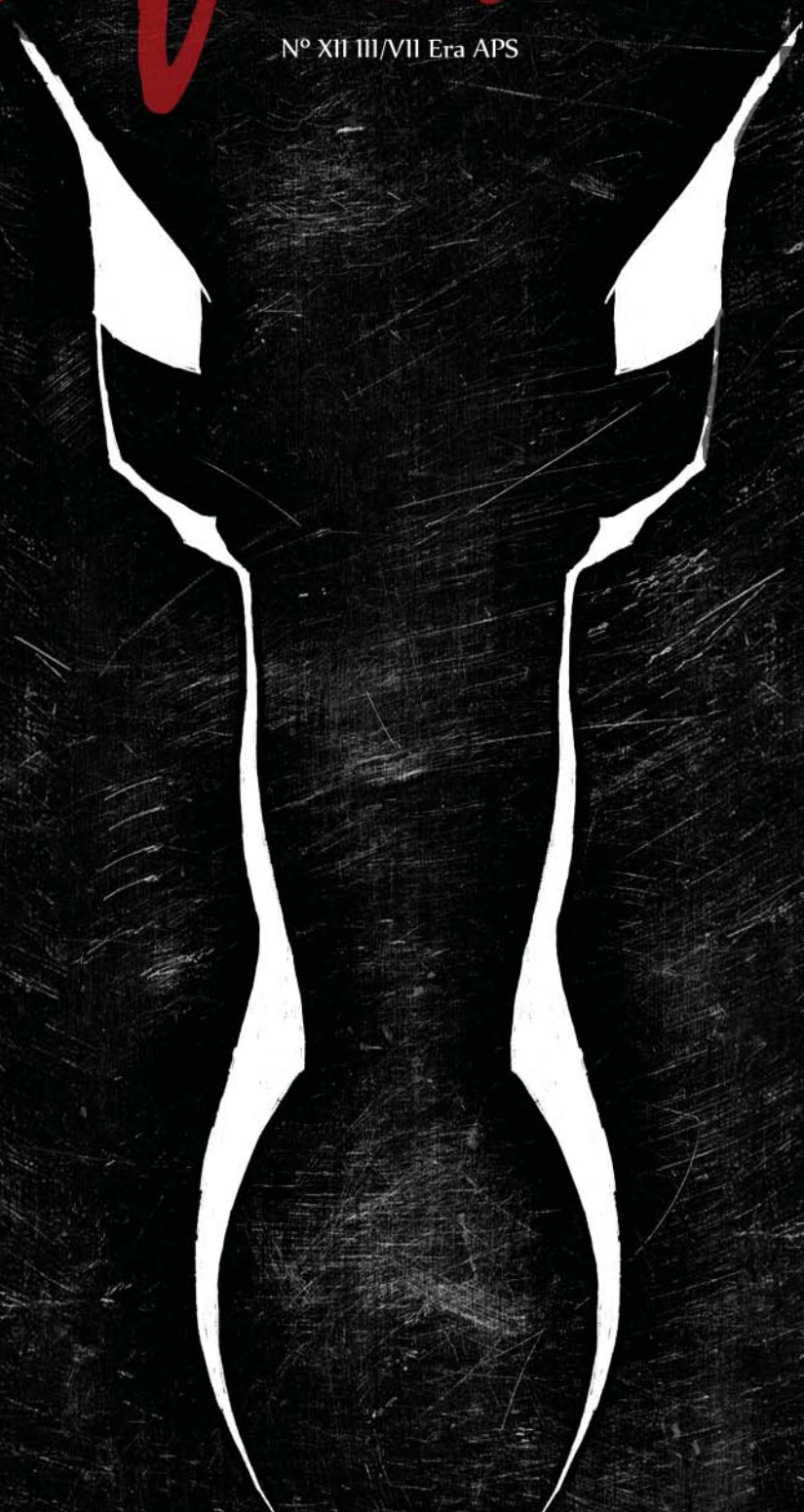


Orgão Oficial de Expressão
da Associação Portuguesa de Satanismo

Infernus

Nº XII III/VII Era APS



Exalted Satan

LA CHANSON NOIRE

O BORDEL DE LUCIFER
AZABEL

*

HOLLOW HILLS (BAUHAUS)



THE COMPLETE PIANO AND VOICE SESSIONS
FOR YOUR LISTENING PLEASURE!

- OUT SPRING 2009 -

500 COPIES LIMITED EDITION 7" VINYL



WWW.HELLOUTRO.ORG



Editorial

Lurker

O misticismo é algo que sempre esteve muito associado ao Satanismo. Demasiado até, atrevo-me a dizer. É importante existir uma carga mística em redor do Satanismo, de onde podemos retirar forças latentes na nossa mente e aproveitá-las em nosso próprio favor. Mas não à custa de um folclore desenfreado que torna qualquer sentimento mais nobre numa amálgama de referências que percorrem a história, múltiplas religiões e crenças. Satanismo é realidade, não é fantasia. Assim como o misticismo.

Mas nada impede que realidade e fantasia não coexistam. Aliás, qualquer realidade é fantasia até ser concretizada, e o Satanista sabe utilizar esse artifício com mestria. Mesmo a base ritualista do Satanismo é baseada na visualização, na projecção de uma realidade que não existe ainda, mas que pretendemos que venha realmente a concretizar-se. Uma realidade que existe ainda apenas na nossa mente, e que a partir desse momento estaremos mais aptos a torná-la física, palpável, real. Numa palavra, uma realidade que queremos tornar realidade.

Serve isto para enquadrar o tema central desta nova edição da Infernus – a Mitologia. Porque, em muitos caos, o mito percorre o percurso inverso do referido anteriormente: começa por uma realidade que é complementada com uma boa dose de fantasia para que, mais tarde, se torne difusa a fronteira entre o que realmente aconteceu e o que gostaríamos que tivesse acontecido. Talvez seja esse o propósito do mito – levar mais além a fronteira da realidade, do plausível, do aceitável, para que possamos transcender-nos em busca da aproximação da nossa própria realidade ao mito passado de geração em geração. Visualização, projecção, e temos o círculo a completar-se.

Considerações aparte, há muito mais no Satanismo do que apenas o que decorre desde 1966 até hoje. Podemos perceber um pouco melhor isso na tradução de um ensaio de Draconis Blackthorne que percorre vários séculos de História em torno de um eixo comum, assim como em vários outros artigos dos nossos Membros e colaboradores. O nosso país tem também um historial mitológico muito rico, e isso fica latente na conversa com Pedro Silva, autor de diversos livros que focam o nosso mito e mística. Para finalizar, porque não

desafiar os conceitos existentes com a proposta de um novo calendário para as estações do ano e correspondentes momentos marcantes associados? É com o desafio das normas estabelecidas que alargamos também as fronteiras da nossa própria percepção.

Esta é também a primeira edição deste novo ano, que esperamos ser recheado de muitas e proveitosas conquistas, nos terrenos em que nos movemos. E se por vezes o que se consegue é menos visível ou publicável, não quer dizer que seja menos saboroso.

Hail Satan!

Ficha Técnica

Infernus XII

Editor: Lurker

Produção: Fósforo, Colectivo Criativo

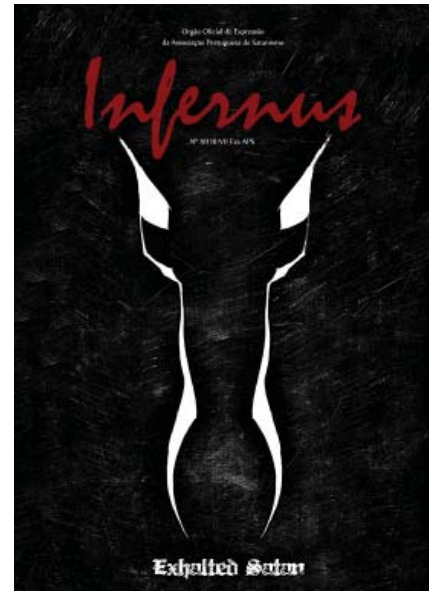
Equipa Editorial: Black Lotus, Outubro, Mosath, BM Resende

Colaboradores: Devis, Lupum, AssassIn, KingChaos

Revisão: Metzli

Créditos das Imagens:

- CAPA: AssassIn (<http://assassiin.deviantart.com/>)
- Pág. 4: Marcel Rotzinger (<http://dawn42.deviantart.com/>)
- Pág. 7: Erin Lamoreux (<http://bongoshock.deviantart.com/>)
- Pág. 8: Christine McNamara (<http://littlegoblet.deviantart.com/>)
- Pág. 10 e 11: Peter Hrynkiw (<http://jackswastedart.deviantart.com/>)
- Pág. 12: Xharay Navarro (<http://xnphotography.deviantart.com/>)
- Pág. 13: Kristin Andreas (<http://mangaaissonfire.deviantart.com/>)
- Pág. 14: Xharay Navarro (<http://xnphotography.deviantart.com/>)
- Pág. 16: "Il Diavolo e Arlecchino" (ilustração medieval)
- Pág. 18: Julien Olry (<http://julien57000.deviantart.com/>)
- Pág. 25: Matjaz Tancic (<http://2raven.deviantart.com/>)
- Pág. 26: Carmacao (<http://carmacao.deviantart.com/>)
- Pág. 32 e 33: Jaime Jasso (<http://jjasso.deviantart.com/>)
- Pág. 34: Carlos Ortega (<http://stroggtank.deviantart.com/>)
- Pág. 35: Gonzalo Arias (<http://genzoman.deviantart.com/>)
- Pág. 36: Sara Strand (<http://www.silvestris.net/>)
- Pág. 37: Thomas Dormann (<http://dr-benway.deviantart.com/>)
- Pág. 38: arquivo da National Geographic
- Pág. 41: arquivo da National Geographic



ÍNDICE

Equinócios, Solstícios e Estações ---- 4
Lurker

Bem-vindos ao Mundo "Djinn" ---- 7
King Chaos

Snuff - Mito ou Realidade ----- 10
Lupum

Arlequim Diabólico ----- 16
Devis DeV deviLs g

O Satanismo Através dos Tempos - 18
Draconis Blackthorne

O Convite ----- 25
Outubro

Entrevista Pedro Silva ----- 27
Lurker & Black Lotus

**In Otín Ihuan In Tonáltin
Nicam Tzonquica** ----- 32
BM Resende

Ficheiro Mitológico sobre Set ---- 36
Mosath





Equinócios, Solstícios e Estações do Ano

Lurker



Quando não estamos satisfeitos com alguma coisa procuramos uma alternativa que corrija esse desvio. Parece-me uma boa prática para o pensamento e acção satânicos, mesmo que a tarefa em causa seja mudar um calendário milenar. De qualquer forma, mesmo o mais longo dos percursos começa com um simples passo, por isso porque não tomá-lo desde já e ver onde este caminho nos leva?

Desde muito cedo que o alinhamento da publicação da Infernus com os Equinócios e Solstícios tomou forma. Diria talvez que desde o primeiro momento em que a semente da ideia de uma revista em Português totalmente dedicada ao Satanismo foi plantada no terreno fértil das nossas mentes. E, ao longo dos anos em que essa ideia se transformou na realidade que alberga agora estas linhas, um sentimento de desconforto foi crescendo até se tornar



insuportável e ter que ser purgado através de uma tentativa de corrigir o que está na sua génese – porque só eliminando o problema pela raiz poderá ele alguma vez ser resolvido.

Associada à celebração de um evento solar muito especial, a partir do qual a maioria dos calendários foi criada, foram também criadas o que hoje chamamos das estações do ano. Nomenclaturas simples, com o propósito inerentemente humano de catalogar tudo o que nos rodeia, que definem um conjunto de traços característicos pelos quais é possível padronizar o ciclo natural da vida: gestação e nascimento, crescimento e floração, apogeu e frutificação, declínio e morte. Ou, por outras palavras, Inverno, Primavera, Verão e Outono.

Não é aqui que reside o incómodo, seria porventura relevante revisar estas próprias definições, mas não é isso que está aqui em causa. O enfoque deste pensamento não o quê, mas quando. Porém, iremos abordar o quando de duas perspectivas diferentes.

Começando pela questão de princípio da definição de Solstício e Equinócio. O primeiro pode ser reduzido ao momento no ano em que o número de horas de exposição solar no dia se maximiza ou minimiza, enquanto o segundo representa o momento de equilíbrio no ano, em que o número de horas de exposição solar é o mesmo das horas nocturnas. Representam portanto momentos marcantes durante o calendário anual: o dia mais longo (e, portanto, teoricamente também um dos mais quentes), o dia mais curto (que em exercício análogo, seria teoricamente um dos mais frios) e os dias de equilíbrio, marcando a transição de um extremo para o outro. Mas, o que encontramos quando olhamos para o calendário actual? Uma incoerência.

Usemos como exemplo o Verão: parece-vos lógico iniciar a estação

mais quente do ano com o dia teoricamente mais quente do calendário, indo a partir dessa altura decaindo o número de horas de exposição solar até ao Equinócio de Outono? A mim também não, devo confessar.

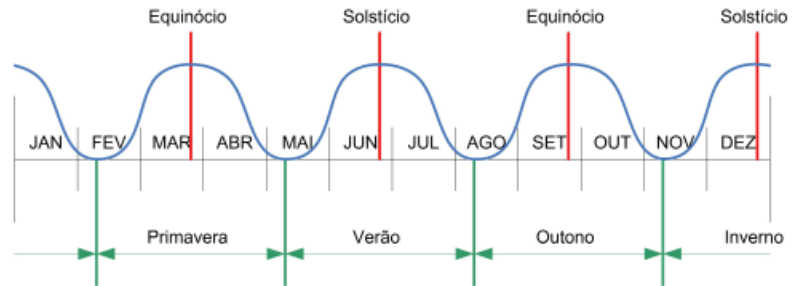


Figura 1

Parecer-me-ia muito mais lógico que o dia teoricamente mais quente do ano representasse o apogeu da estação mais quente do ano, assim como o dia teoricamente mais frio representaria o apogeu da estação mais fria do ano, sendo o mesmo raciocínio aplicados aos Equinócios respectivos.

Retomemos como exemplo o Solstício de Verão e a estação de onde obtém o seu nome: inicia-se no final de Junho e prolonga-se até final de Setembro. Para nós, povo latino e mediterrâneo, o calor que instintivamente associamos à estação do ano em causa tem na realidade o seu apogeu no mês de Julho, iniciando-se bem antes e tendo em Agosto um mês tipicamente de declínio desse período estival. Não será uma paródia de tempos idos chamar Verão a Agostos repetidamente chuvosos e Setembros frios e sombrios? Não teremos já mudado de tal forma o ambiente que nos rodeia que tenhamos que alterar também o calendário pelo que nos regemos?

Portanto, a minha primeira sugestão de alteração é desfasar as estações do ano para que não se iniciem nem terminem em Equinócios e Solstícios, mas que estes repre-

sentem o seu apogeu. Desta forma a coerência do que se pretende representar com as estações do ano é preservada, assim como os momentos marcantes do calendário solar.

Como é possível ver na figura

1, teríamos um Inverno que se estenderia desde 6 de Novembro até 5 de Fevereiro, uma Primavera de 6 de Fevereiro até 5 de Maio, um Verão de 6 de Maio até 5 de Agosto e um Outono de 6 de Agosto até 5 de Novembro, cada estação centrada no seu respectivo Equinócio ou Solstício. Um harmónico perfeitamente definido, com o seu apogeu no evento celeste relevante, procurando uma melhor distribuição dos conceitos associados a cada estação do ano nos meses respectivos. Uma melhor distribuição do tempo para reflectir a realidade do que nos rodeia. No entanto, não é suficiente...

O que nos leva à segunda perspectiva de abordar o assunto do quando, referida anteriormente. As alterações que introduzimos no ambiente levaram ao extremar das condições atmosféricas e climatéricas em que vivemos, prolongando os pontos mais distantes do equilíbrio em detrimento deste balanço transitório. Desta forma, o calor do Verão alargou-se, assim como a chuva do Inverno, encurtando-se as transições do Outono e da Primavera. O que fazer então? Como introduziu Darwin: adaptar-se para sobreviver!

A minha primeira sugestão de alteração é desfasar as estações do ano para que não se iniciem nem terminem em Equinócios e Solstícios, mas que estes representem o seu apogeu. A minha segunda sugestão prende-se com o alargar das estações do ano correspondentes aos extremos e encurtar as estações do ano correspondentes aos períodos de transição.

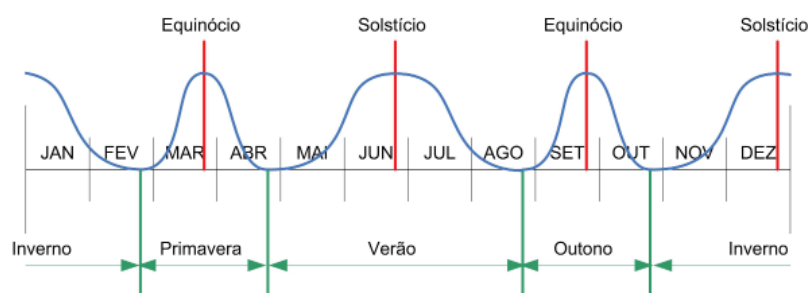


Figura 2

Como é possível ver na figura 2, a minha segunda sugestão prende-se com o alargar das estações do ano correspondentes aos extremos e encurtar as estações do ano correspondentes aos períodos de transição, o que se traduz em Verão e Inverno de 4 meses, Primavera e Outono de apenas 2 meses.

Assim, teríamos a Primavera a começar a 21 de Fevereiro e a alargar-se até 20 de Abril, dando lugar a um extenso Verão de 21 de Abril a 20 de Agosto, sendo que o Outono iria de 21 de Agosto a 20 de Outubro, dando lugar ao Inverno de 21 de Outubro a 20 de Fevereiro. Mantemos a imagem do harmónico, com os apogeu centrados nos Solstícios e Equinócios respectivos, mas com um ajuste de duração de cada estação à realidade climatérica em que vivemos actualmente. Fruto das nossas acções, para o bem e para o mal.

Não serão alterações fáceis de implementar ou até mesmo de aceitar, mas no mundo em que vivemos poucas coisas saídas da lógica racional o serão. Mesmo assim, numa sociedade tão desprovida de valores preciosos para o Satanista, para o Homem, há paralelo nesta sugestão e na realidade que vivemos para além da pura questão climatérica.

Recuperando uma ideia anteriormente veiculada, as estações do

ano são também associadas a ciclos naturais. Inverno – nascimento; Primavera – crescimento; Verão – amadurecimento; Outono – declínio. Acrescento agora outros, associados mas porventura mais ajustados à analogia social: educação, descoberta e experimentação, maturação e depuração, extinção. Olhemos agora para a sociedade em que nos inserimos. Não é óbvio o paralelo entre as diferentes etapas da vida do comum dos mortais e estas propostas de alterações às estações do ano?

Quando iniciamos a nossa vida, o período de crescimento e educação tende cada vez mais a alongar-se, é necessário passarmos mais de uma década no sistema de ensino obrigatório, que se alarga a mais de duas décadas se pretendermos completar a via académica disponível, apenas para podermos compreender uma pequena fracção do mundo que nos rodeia. A vertente prática da vivência e experiência tem vindo a ser substituída pela vertente teórica da análise e do estudo, e se bem que é valioso o conhecimento armazenado nos livros, ele é apenas um meio e nunca um fim. Algures no nosso percurso como espécie perdemos esta noção e tornamos tudo o que nos rodeia tão complexo que precisamos de esgotar a nossa juventude recebendo uma educação que, em muitos casos, pouco ou nada nos é útil no nosso futuro. Desta forma, a criança em cada um de nós estende-se no tempo bem para além do que era feito no passado, demorando mais tempo a nossa evolução enquanto indivíduos, sendo até castrada em muitos (e maus) exemplos que podemos encontrar à nossa volta.

Temos também passagem por um período de descoberta e experimentação, tipicamente adolescente, em que percorremos vários caminhos à nossa disposição sem saber ainda muito bem qual escolher. No entanto, somos empurrados violentamente (e repentinamente) para a necessidade da escolha definitiva, do percurso que supostamente de-

vemos dar ao resto das nossas vidas. Forçados a ser adultos quando ainda não estamos de facto preparados para o ser, muitas vezes por vontade própria. O mundo não foi feito para a experimentação livre, e loucos são os que optam por essa via para a sua vivência pessoal. Mais um rótulo confortável...

Chegados à idade adulta, ela prolonga-se cada vez mais, quase indefinidamente. Trabalhamos até não podermos mais, sem gozar os frutos dessa labuta incessante, amadurecendo enquanto indivíduos e depurando as escolhas que fizemos no período de transição que lhe antecedeu. Tornámo-nos muitas vezes escravos da vontade dos outros, sem prestar a devida atenção à nossa própria vontade, e isso termina muitas vidas demasiado cedo, pelo contrário, devemos ter a indulgência de aproveitar o nosso apogeu para concretizarmos os nossos objectivos, lutarmos as nossas batalhas, conquistar as nossas vitórias. Sendo que o termo chave é “nossas”, e não “dos outros”. Algo que muitos nunca compreenderão na deambulação pelo seu percurso. Disse seu? Enganei-me, com certeza.

Chegados à recta final da nossa existência, iniciamos um período de declínio que conduzirá inexoravelmente à nossa extinção. A maquinaria orgânica do qual o nosso corpo é composto começa a falhar, tornando-se mais difícil e penosa a existência até que termina. É uma altura de retrospectiva, transmissão do conhecimento acumulado a quem inicia o seu período de educação e até experimentação, regozijar com os pequenos prazeres da existência e aproveitar o tempo que nos resta da melhor forma possível. No final, nada restará a não ser uma fugaz memória do que outrora fomos, por isso não vale a pena guardar nada para depois.

Não me parece relevante alargar muito mais esta reflexão. Os pontos principais foram enunciados, assim como os alicerces da fundamentação. Resta-me esperar que esta faísca possa encontrar combustível fresco do outro lado destas linhas, para que o fogo que daí resulta possa crepitar com força e brilho, para queimar os alicerces deste calendário desviado. Se não nos serve o seu propósito, qual é a razão da sua existência? •

Não é óbvio o paralelo entre as diferentes etapas da vida do comum dos mortais e estas propostas de alterações às estações do ano?



Bem-vindos ao Mundo “Djinn”

King Chaos



Cada cultura/religião possui a sua Mitologia, fruto dos seus medos, desejos, catástrofes, milagres, objectivos alcançados ou fracassados e de outras coisas que tais. Como tal e naturalmente, existem mitos e mitologias mais exaltadas publicamente do que outras, o que não significa que se sobreponham entre elas, uma vez que a sua importância depende sim de quem as estuda, vive e ou venera, como é óbvio.

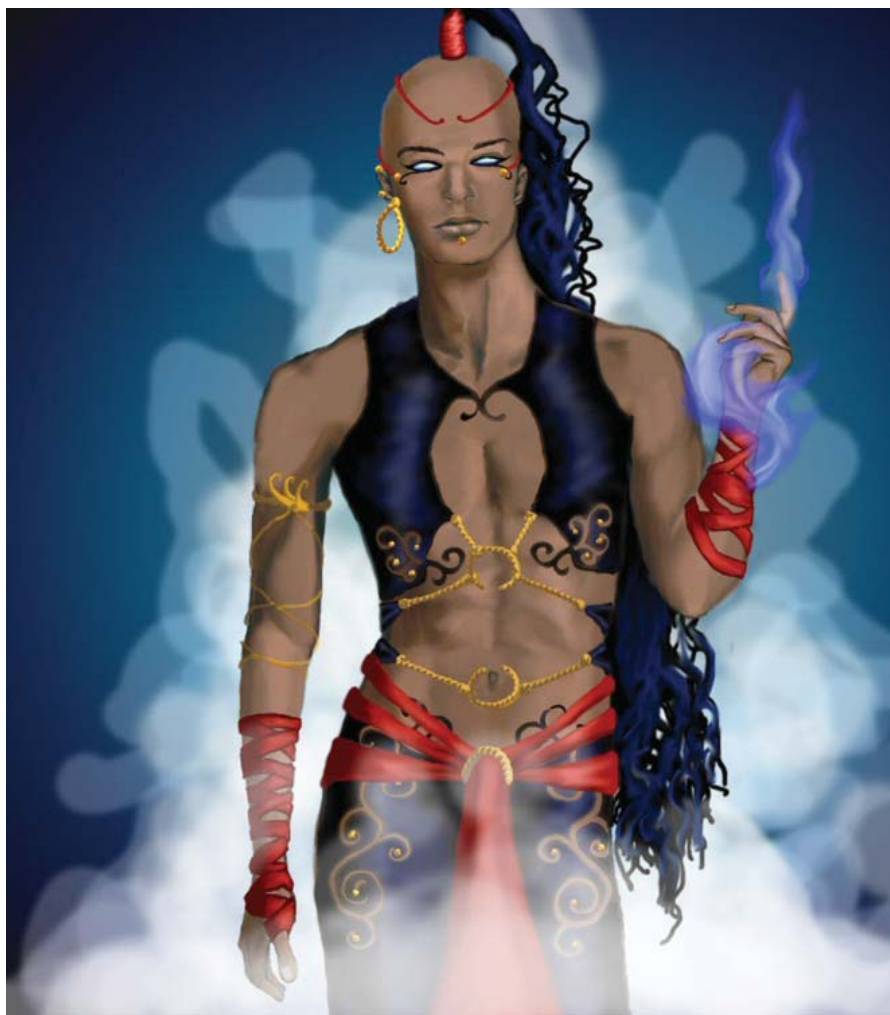
Há uns tempos atrás aluguei um filme em VHS, de nome “Djinn - O Senhor dos Desejos” (“Wishmaster”). O filme não era uma super-produção mas a sua história despertou-me o interesse e como tal resolvi pesquisar sobre a criatura. Espanto o meu quando descobro que Djinn é muito mais do que um simples fato de látex avermelhado, propriedade de um estúdio de cinema qualquer de Hollywood. De facto, Djinn é uma criatura ancestral da Mitologia Árabe Pré-islâmica, uma personagem supra-humana e mais do que isso, neste caso é um “semi-demónio”, não porque é feio mas porque fluentemente é persuasivo, e maléfico até, nos seus actos e propósitos, pode causar dor e desespero onde se encontra mas... já lá vamos!

Djinn do Árabe “Jin”, possui em português o equivalente a grosso modo de “Génio”! O Djinn provém de uma raça de seres sobrenaturais, os Djinni, remetente a Djanna (do Árabe), que significa coisa dissimulada ou invisível. Têm origem na Mitologia Árabe e mais tarde são “assimilados” pelo Islamismo. A sua presença é notada por diversas vezes no Alcorão, inclusive, para além de constantes referências suas nos textos sagrados, existe uma Sura (capítulo do Alcorão) inteiramente dedicada aos Djinni, a “Al-Jinn” (Sura nº 72).

A história desta “espécie”, segundo rezam diversas escrituras, é já milenar, os Djinni são criaturas antiquíssimas postas a vagarear no paraíso há cerca de quatro mil anos atrás, dois mil anos antes da criação de Adão. Alá fê-los de ar e fogo razão pela qual se diz que estes podem assumir todo o tipo de formas animadas e inanimadas, inclusive a humana, podendo assim permanecer e caminhar “camuflados” entre nós sem que possam ser detectados, ou então simplesmente permanecerem ocultos no ar que nos rodeia a observarem a seu belo prazer a nossa sociedade. A princípio, ainda antes da chegada do Islamismo ao mundo Árabe os Djinni eram

criaturas com virtudes e defeitos, nas “hierarquias sobrenaturais” são considerados inferiores tanto em ralação aos Anjos (pois estes possuíam apenas a face da obediência) como aos Demónios (pois não eram tão maus nem poderosos quanto os mesmos). No entanto e relativamente aos segundos, eram igualmente detentores de uma enorme força e astúcia que usariam sem hesitar, independentemente do meio, para atingirem os seus objectivos. Após domínio Islâmico e por influência do mesmo, a alguns dos Djinni foram-lhes progressivamente retiradas as suas “qualidades” ficando assim criaturas negras e enraivecidas, aos restantes foram-lhes conservada a capacidade de ajuda e interacção com os homens, embora na maior parte das vezes estes o façam para proveito e gozo próprio e não pela afinidade com a inferior espécie!

Aquando da criação de Adão, Alá ordenou que os Djinni se curvassem perante o recém-criado ser, no entanto estes refutaram a ordem, dada a sua “antiguidade” no Paraíso e sob o comando e liderança de Iblis (o actual equivalente cristão de Satan), um dos mais “negros” Djinni caracterizado como sendo orgulhoso e ciumento do poder de Alá,



iniciaram uma revolta contra o seu criador. Como consequência de tal irreverência os Djinni, juntamente com Iblis, foram atirados para a terra e ficaram sujeitos à mortalidade e a todas as restantes necessidades fisiológicas dos homens, com a exceção da forma física. Assim como os humanos também estas criaturas ficaram, segundo o Islamismo, sujeitos à salvação ou à condenação divina. Já na Terra, segundo as escrituras, os Djinni alojaram-se nas Montanhas de Káf, que se acreditava, na mitologia da antiga Pérsia, circundarem o mundo.

São seis os grandes clãs ou tribos de Djinnns que constituem os Djinni. Os Jinn, os Jann, os Marid, os Shaitan, os

Ghul e os Ifrit. Iblis pertence a os Ifrit. Podemos ainda “catalogar rudemente” estas seis tribos em duas categorias; os que conseguem interagir com os humanos de forma harmoniosa e os que aterrorizam e existem para castigar e trocar dos mortais. Na primeira categoria incluem-se os Jinn juntamente com os Jann, os primeiros são os mais comuns na referida espécie sobrenatural e os que mais frequentemente interagem com os humanos, os segundos, os Jann, são conhecidos por se encontrarem e viverem em Oásis nos desertos. Já os Marid, a tribo mais antiga, encontram-se em menor número nesta superior sociedade, não obstante são os mais sá-

bios e poderosos dos Djinni e como tal acharam por direito que os membros da mesma tribo pudessem ter o livre arbítrio sobre “de que lado ficariam”. Os Marid alojam-se normalmente perto da costa e são conhecidos por controlarem o estado do tempo, estes podem aparecer aos humanos sob a forma de cavalo ou de um velho homem. Na segunda categoria inserem-se os “génios negros”, os Ifrit que são os mais comuns de entre os maus e são conhecidos pela tenacidade com que se opõem aos mortais; os seus aliados Shaitan, que vivem nas montanhas e no subsolo, são a segunda tribo mais antiga dos Djinni, são conhecidos por serem persuasivos e por se divertirem a manipular tanto humanos como outros Djinni para atingirem os seus propósitos. Os Shaitan podem adquirir a forma de chacal, nuvens de fumo, camelos negros ou a forma de uma bela mulher com uma parte de animal no seu corpo. Por fim os Ghul são os mais depravados deste subgrupo, deles diz-se que estão possesores de uma enorme gula, podem ser encontrados nos becos das grandes cidades a alimentarem-se de restos, muitos são avistados em cemitérios a devorarem os cadáveres dos recém-falecidos. Diz-se que os Ghul estão presos entre o mundo dos mortos e o mundo dos vivos. É comum aparecerem sob a forma de peregrinos que apanham boleia das caravanas que atravessam o deserto e que atacam à primeira oportunidade e abertamente qualquer um que se afaste para sítios mais calmos e recônditos assim como pequenos grupos de pessoas. Normalmente os Ghul adquirem a forma de vultos ou de mulher.

Qual o propósito dos Djinni, na terra?!

É relatado nos escritos e contos mais antigos e “floridos” sobre os Djinni, que estes se encontram perdidos e aprisionados eternamente na Terra e que o seu propósito é o de guardar em si próprios o maior número de almas possível, pelo conceder ou indução de três desejos a quem os libertou da sua lamparina, rubi (etc.), como forma de agradecimento.



É relatado nos escritos e contos mais antigos e “floridos” sobre os Djinni, que estes se encontram perdidos e aprisionados eternamente na Terra e que o seu propósito é o de guardar em si próprios o maior número de almas possível, pelo conceder ou indução de três desejos a quem os libertou da sua lamparina, rubi (etc.), como forma de pagamento.



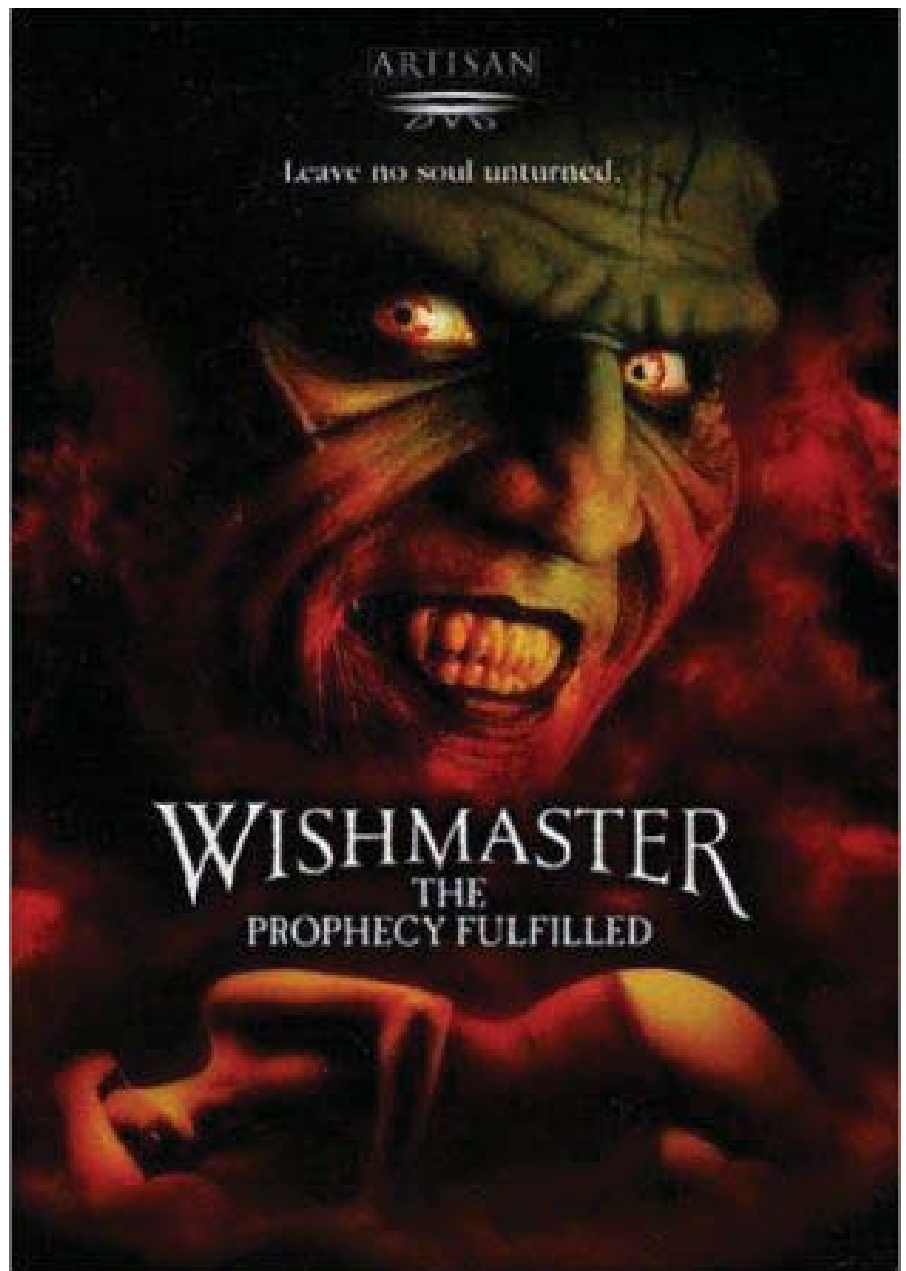


No entanto e segundo esses contos, ninguém se fica pelo primeiro ou segundo desejo, todos os responsáveis pela libertação de um Djinn são induzidos nos três desejos e consequentemente ficam sem a sua alma. Poderá ter sido muito bem destes textos que surgiu a figura espampanante e bem típica do Génio contemporâneo da Lâmpada Mágica que concede três desejos a quem o libertar da sua prisão, variante essa que corta convenientemente com a parte do abdicar da alma do libertador para o libertado! Ora conseguido o número suficiente de almas, reunirão uma força/exército tal que lhes permita regressar e invadir o Paraíso, sob o comando de Iblis, com o objectivo de vingar perante o seu criador a sua raiva e revolta pela condenação eterna à Terra e a convivência com os homens...

No entanto o que consta em escritos e histórias mais "sérios", é que estes, são seres mágicos livres e solitários, que como tal caminham entre nós, ou então isolam-se num habitat que mais lhes seja propício e procuram permanecer esquecidos e importunados durante o resto da sua vida. São seres capazes de viver um milénio, mas também e como tal capazes de serem mortos. São poucos os Djinnis existentes hoje em dia e na sua esmagadora maioria são membros das tribos menos amistáveis para os humanos, por isso não é de todo recomendável que tenhamos o infortúnio de nos encontrar com o Djinn. Segundo textos mágicos um Djinni é capaz de moldar a realidade para seu benefício próprio, pelo que será muito bom que consigamos escapar de um encontro com uma destas criaturas apenas com uma praga dirigida a nós!

De ressaltar ainda o facto de que consta, em diversas escrituras e relatos, que os Jinn são os mais comuns/numerosos de entre as tribos Djinn e os que mais interagem com os humanos (como acima mencionado), fruto desse constante interagir são as suas fracas apetências mágicas (face a outras tribos). São frequentemente avistados entre pessoas sob a forma humana pois é dito que eles gostam de expor e discutir ideias e assuntos sociais com humanos, que viajam em tapetes voadores e que vivem em palácios luxuriantes onde nunca falta o vento! Eu pessoalmente, se fosse um Jinn, acharia uma chatice morar num sítio onde de repente pudesse ficar sem combustível para o meu tapete voador mas...

Quanto aos Ifrit, contrariamente aos Jinn, são os mais poderosos e violentos, alojam-se geralmente em locais abandonados ou isolados e atacam sem hesitar quem os perturbar. As aparições



dos Ifrit dão-se sob a forma de um cão, um grande tornado de areia, um camelo mágico de areia, um escorpião gigante ou uma serpente cuspidora de fogo. Iblis foi um grande líder dos Ifrit que a determinada altura se deixou corromper por um demónio, daí a sua figura na História ser associada a um demónio, no caso cristão a Satan. Pelo carácter do seu líder, das seis a tribo dos Ifrit é a que mais se encontra ligada aos poderes infernais.

Terá sido portanto destes contos (relativos a aparição dos Jinn), que surgiu o romance Persa, "As Mil e Uma Noites", escrito entre os séculos XIII e XVI, trazido para a Europa por Antoine Galland em 1704 e convenientemente castrado por tradução para as edições agora conhecidas e comercializadas por Sir Richard Francis Burton e Andrew Lang em 1850 e 1898 respectivamente,

para eliminar as cenas de sexo da versão original. Mais tarde e já na era do pequeno ecrã, a Disney "divulgou" para a pequenada o conto animado de Aladdin que teve muita venda e comércio associado.

Após divulgado este pequeno artigo sobre esta fantástica criatura que me captou o interesse, é perfeitamente normal que este mito se assemelhe às histórias de existência de outras criaturas sobrenaturais, pois como o mundo islamismo absorveu uma grande quantidade de países na zona árabe, persa e não só, é natural que por "contaminação cultural/religiosa" países em zonas geográficas diferentes contenham lendas e mitos com algumas semelhanças.

Exposta a criatura...

Deixo-vos no mundo de um Djinn...! •



Snuff Mito ou R



Realidade?

Lupum

Quem nunca ouviu falar neste género de filmes? Tu aí, na penumbra, tens algo a verbalizar? Sabes o que é? Hummm, desconheces? O psiquiatra suíço, Carl Gustav Jung ficava impressionado com a semelhança dos sonhos dos seus pacientes e os mitos de diversas culturas. Jung formou a teoria do inconsciente colectivo, partindo dessa análise.



Do mesmo modo que todos os seres humanos têm uma estrutura anatómica idêntica, independentemente de sua etnia e cultura, segundo a teoria de Carl Gustav Jung os seres humanos, também teriam uma estrutura psíquica inconsciente idêntica, ou seja, um inconsciente colectivo.

Muitas lendas Urbanas parecem atestar a sua teoria.

Assim sendo o Snuff pode ser definido como um género de filmes onde são perpetrados actos de extrema violência, muito gore, “pesado” visualmente, onde se praticam mutilações, violações, actos sexuais bizarros, culminando na morte de um indivíduo para a objectiva de uma câmara, com o intuito de produzir lucro e para satisfazer alvos específicos.

Pode-se exprimir que é a pornografia da morte!

Segundo a pesquisadora americana, Barbara Mikkelsen, o termo snuff apareceu em 1970, numa entrevista com um membro anónimo da família Manson, os sociopatas que assassinaram a actriz Sharon Tate. Na entrevista, o rapaz relacionava o termo snuff com um vídeo que exibia uma mulher a ser degolada.

Muito se fala e muito se falou e se diz ainda por aí, que eles são verídicos e que andam a circular pelo mundo underground.

Tu que vais ler isto, admites a possibilidade de haver alguém a morrer para uma objectiva? Acreditas que violam e matam, só para obterem lucro? Para satisfazer mentes deturpadas? Acreditas que alguém encomenda filmes assim? Até que ponto não será mais uma lenda urbana, a par do Bigfoot, vampiros e de outros mais?

“Tu que vais ler isto, admites a possibilidade de haver alguém a morrer para uma objectiva? Acreditas que violam e matam, só para obterem lucro? Para satisfazer mentes deturpadas?”



Volto a montar a questão, alguém já viu algum filme snuff?

Segundo agentes do FBI, as averiguações policiais jamais conseguiram provar a existência de filmes onde se ostentam homicídios reais de seres humanos. Será mesmo assim?

Thomas DeQuincey publicou, no início do século XIX, um romance intitulado O assassinato considerado como uma das belas-artes e este ensaio filosófico dava à morte de um ser humano uma certa importância, um status à arte. Isto provocou cachinadas na sociedade inglesa. Tão pouco sabiam que para muitos serial Killers isso era importante!

Formalmente, o ano de 1975 é o ano da primeira investigação na demanda de filmes snuff.

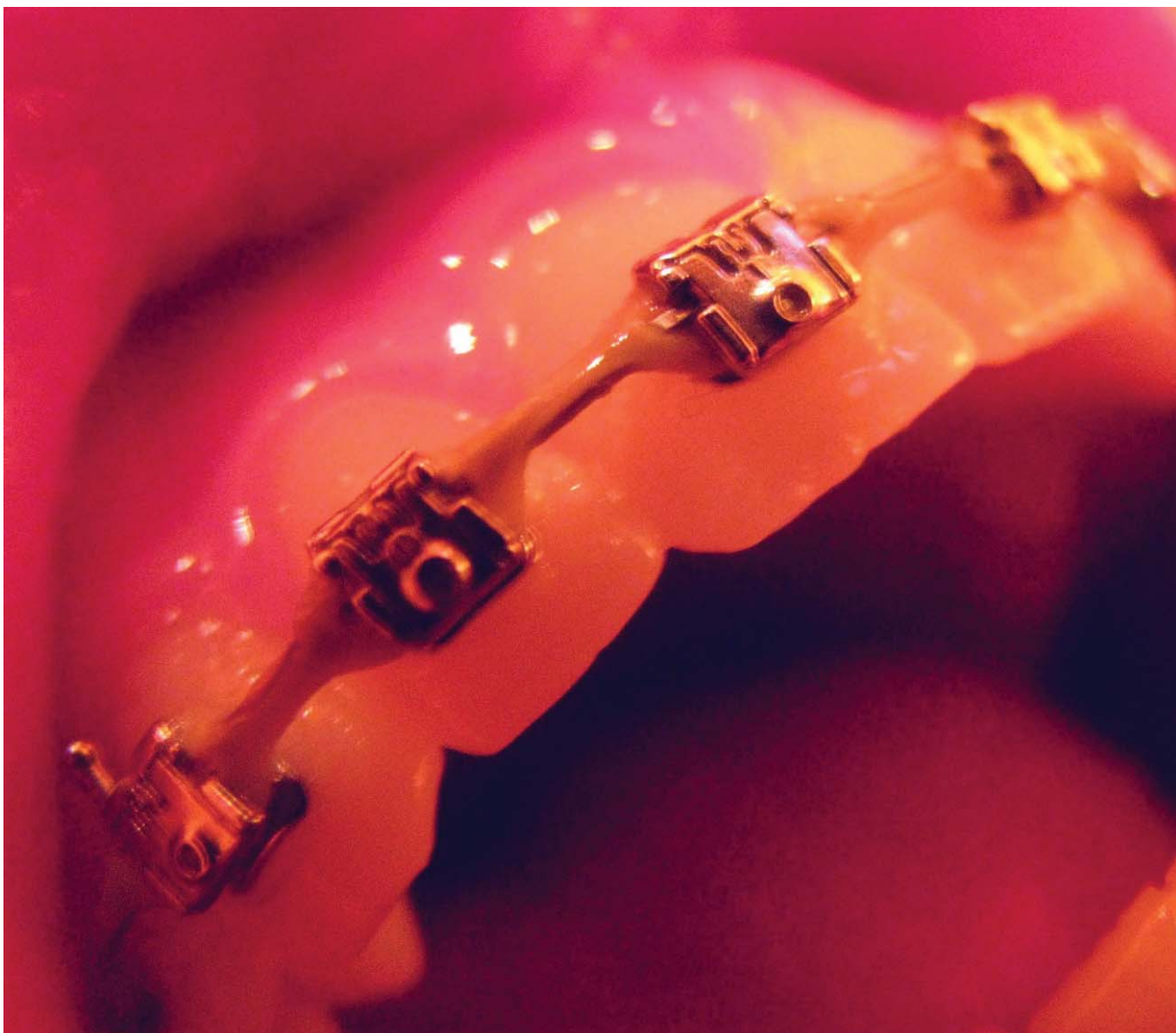
Nesse ano o FBI e a Polícia de Nova Iorque investigaram as denúncias do presidente de uma associação, a Cidadãos pela Decência Através da Lei (Citizen for Decency Through Law

- CDL). Encetou-se então uma verdadeira caça. O FBI investigaria a existência dos snuffs em várias ocasiões, sempre com resultados negativos, enquanto os rumores se espalhavam. Os agentes diziam que era quase impossível comprovar a existência de tais películas, porque a indústria dos snuffs seria controlada pela máfia.

Fora do ambiente oficial, os indícios da existência dos snuffs são insólitos.

Muitos afirmam, “Ah e tal, vi vários filmes e achei que estava a assistir a crimes autênticos”, mas todos desabaram perante uma análise de especialistas. Era tudo falso, simplesmente snuff contrafeito.

Contudo, existe uma afirmação feita pelo director de filmes underground Joe Christ que pode também simplificar a existência do snuff, “No início era um mito, mas a controvérsia e o interesse foram tão grandes que criaram um mercado consumidor. No



mundo em que vivemos, sempre que há procura, há oferta". Isto é próximo da Lei da Oferta e da Procura! Não estará Joe certo?

Joe garante que viu um snuff verdadeiro, em 1982, em Dallas (EUA). Segundo ele, uma boa parte dos filmes snuff seriam produzidos na América do Sul, especialmente na Colômbia, onde a máfia da cocaína manteria esquadrões para exterminar viciados e usurpadores, que atrapalhariam o comércio de cocaína. Filmar os crimes seria apenas uma maneira de ganhar dinheiro extra.

Já a exibição dos filmes é um processo mais complicado. Para ver um snuff, só em grandes cidades, como Nova Iorque, Amesterdão e Tóquio, dizem outros.

Na Tailândia, há informações sobre bares underground onde seriam exibidos e fala-se que em São Paulo é possível ver um snuff por 100 Reais.

Mas nada foi provado até hoje!

Foram agentes do FBI os primeiros a partilhar informações para jornais como Los Angeles Times, USA Today, Chicago Tribune e San Francisco Chronicle. Depois das primeiras in-

vestigações, os boatos começaram a surgir.

A palavra snuff, na gíria, significa morte e foi largamente utilizada no livro A Laranja Mecânica de Anthony Burgess.

O célebre Holocausto Canibal (1980) de Ruggero Deodato foi considerado, durante muito tempo, um genuíno filme snuff". Soube-se mais tarde que a extrema violência gráfica do filme (mortes, desmembramentos, actos canibais...) nada teve de real, excepto a morte de alguns animais!

No entanto, durante as últimas

"No início era um mito, mas a controvérsia e o interesse foram tão grandes que criaram um mercado consumidor. No mundo em que vivemos, sempre que há procura, há oferta"



duas décadas, têm surgido, de quando em vez, notícias de supostos filmes snuff reais, ou seja, com cenas de tortura, mutilações, muito sangue, canibalismo e mortes horrendas de pessoas captadas em vídeo, para venda em circuitos underground e satisfação de clientes mentalmente desequilibrados (e sádicos em último grau).

Rumores indicam que o mercado dos snuff movies é controlado por diversas máfias, nomeadamente a japonesa, muito dada ao culto das excêntridades e depravações.

Daí que há alguns anos tenha sido badalado o caso do actor de Hollywood Charlie Sheen. Sheen viu um filme asiático numa velha cassette VHS com cenas de grande violência e brutalidade (decapitações, desmem-

bramentos...).

O actor achou tão real que entregou Flower of Flesh and Blood (título do filme) ao FBI para averiguar a autenticidade e origem do filme. Afinal, o que Charlie Sheen vira fazia parte de uma série de filmes de terror japonês cuja particularidade era o abuso do gore e dos efeitos especiais de grande impacto e realismo. Mas a dúvida mantém-se e com o advento da internet, ainda mais: os snuff movies existem mesmo ou são meras especulações que enriquecem o imaginário da cultura popular?

Um dos filmes que parecia retratar um pouco o snuff seria o Faces of Death.

São filmadas mortes reais que ocorrerem no dia-a-dia, mas não pode

ser considerado snuff, pois não são mortes para um propósito descrito anteriormente. Soube-se, há relativamente pouco tempo, que em Faces of Death algumas mortes foram encenadas com efeitos especiais associados, mas independentemente da veracidade das imagens exibidas, estas não deixam de ser bastante perturbadoras, sendo banida a sua comercialização em diversos países.

Faces of Death não é um filme fácil e muito menos para qualquer um.

Para quem não conhece Mark L. Rosen foi o grande responsável pelo The Texas Chainsaw Massacre, de 1974 da Bryanston Pictures. Esse filme serviu de base, segundo algumas revistas da época para se falar de filmes snuff.

Mark fala de diversos episódios pós filme e conta que foi contactado por umas pessoas das Filipinas, que diziam que já tinham feito filmes do género, no sentido de realizar um verdadeiro snuff. Proposta recusada imediatamente pelo próprio, mas aqui questiono-me eu, se as pessoas o contactaram e ele recusou, porque não se dirigiu à polícia?

Mark fala também de um caso, dado a conhecer por Jason Burke. Um caso em que se pode falar de snuff.

Com Dmitri V. Kuznetsov, um russo a quem se encomendavam filmes snuff, as crianças foram abusadas e mortas para a objectiva. Muitos dos seus clientes eram italianos, mas haviam clientes de muitos outros sítios.

Cada filme era vendido entre £300 e £4,000, dependendo do tipo de filme. Il Mattino, um jornal italiano, chegou a publicar um excerto de uma conversa mantida por Kuznetsov e um potencial comprador italiano, acerca de umas filmagens:

“_Prometa-me que desta vez não serei enganado, diz o italiano.

_Calma, eu dou-lhe a certeza que este morre mesmo, responde o russo.

_Da última vez que paguei, não recebi o prometido.

_Mas quer o quê?

_Quero vê-los a morrer.”

Em 2000, as autoridades capturaram Kuznetsov, Ivanov, Minaev e ainda 2 americanos, cujas identidades são desconhecidas. Uns cumprem ainda a pena e outros saíram ao abrigo de uma Lei russa que amnistiava imensos reclusos, devido ao descomediamento de pessoas nas cárceres russas.

Será real? Será tudo fabricado pela máquina publicitária destes tempos? Blair Witch foi um extraordinário exemplo de publicidade bem conseguida.





FBI, polícia, jornalistas, todos comentam o caso de Kuznetsov. Até onde se estende a linha da realidade? Quando começa a ficção, se é que a há?

Serial Killers matam e guardam quase sempre troféus.

Houve um caso em que Charles e Lake (2 serial killers) filmaram os seus actos sádicos para uma câmara, sem terem intuito de vender. É perturbador ver os excertos que saíram “para fora”. Num caso particular, obrigaram o marido, atado, a ver tudo o que iam fazendo à sua esposa. São cenas perturbantes e que nos obrigam a ver e rever o vocabulário, para conseguirmos classificar tais cenas.

Será este caso um snuff? Não deve ser considerado como tal, pois o seu propósito não é a venda, lucro, nem tão pouco a sua distribuição. São “peças” muito pessoais.

Mas porque não falarmos da guerra? Aquela onde todos podemos ver o sniper JUBA a atingir diversos militares no Iraque?

Decapitações? Tchetchenia, Iraque, Vietname... Quantas mutilações não foram registadas para a fita? Ponderem, será isso uma porção de snuff?

Fico sem resposta quando me interpelam... Há pessoas para tudo. As demências do ser humano são conhecidas.

Existem películas que transmitem ideias acerca do snuff. O filme 8MM, com Nicolas cage, é um dos imensos exemplos. É uma película que aborda conteúdos tabu, assuntos que nos fazem questionar a nossa identidade enquanto seres humanos, um filme que nos faz ponderar!

Existe também a literatura snuff, mas não é tão violento, pois não tem as imagens que nos provocam asco. São conhecidos apenas dois livros que possam merecer esse rótulo. Foram ambos lançados nos Estados Unidos da América e abordam o tema com alguma rectidão.

O primeiro, Killing For Culture, de David Kerekes e David Slater, é mais sério. Tenta analisar a histeria das lendas sobre os snuffs sob um ponto de vista sociológico. Traça um longo painel dos filmes que mostram violência real, entre eles a colecção de Faces of Death, um conjunto de seis filmes que mostram cenas dantescas de execuções, acidentes e autópsias.

O segundo livro é mais recente: surgiu em 1997, a partir de uma investigação feita pelo ex-militar israelita Jaron Svoray. Neste livro é narrada, detalhadamente, a peregrinação de Svoray por cidades como Los Angeles

e Nova Iorque (EUA), Londres (Inglaterra), Amesterdão (Holanda), Paris (França), Belgrado (Jugoslávia) e Bangkok (Tailândia). O seu objectivo era encontrar um filme snuff e provar a existência de uma rede mundial de distribuição desses filmes.

Svoray consegue revelações chocantes. Em Nova Iorque, ele diz que viu, em vídeo, uma mulher ser morta com diversas facadas após fazer sexo com dois homens. Paga uma enorme quantia pelo “privilegio”, numa sessão junto a vários homens bem vestidos, mas sai sem qualquer cópia do vídeo. Em Paris, numa outra reunião semelhante com mais tarados, um comerciante oferece-lhe um snuff por uma avultada quantia de dinheiro.

Na Jugoslávia, Svoray descobre que há produtores que filmam as atrocidades cometidas pelos soldados, com o intuito de as vender. Consegue um vídeo que mostra dois soldados matando uma mulher a facadas, mas acaba por ver o vídeo confiscado. Svoray termina as buscas sem ter em mãos qualquer cópia de um filme snuff, ou seja, apesar das histórias, ele nunca termina com uma prova real daquilo que está a contar. No que podemos acreditar? Será que Svoray assistiu mesmo a isto? Será que é um embuste para lhe tentar dar alguma fama?

Poderia dizer que existe um terceiro livro, relacionado com esta temática em que o seu autor, Marcos Fábio Katudjian, diz que o livro tem como pano de fundo os snuffs e que está ali apenas para mostrar a miséria que pode ser a condição humana.

“A minha doença é ter 46 cromossomas”. É assim que Fernanda, a protagonista do livro Snuff Movie – Depois do Fim do Mundo, explica a sua condição no mundo. E na verdade esse é um mal que aflige todos os seres humanos. O homem cada vez mais surpreende-se com as possibilidades da sua mente e algo que ainda nos espanta, e muito, é a capacidade de uma pessoa matar outra por puro prazer.

Com certeza que isso não é nenhuma novidade na nossa civilização, mas, as formas de lidar com esse prazer mórbido estão de alguma maneira a acompanhar as evoluções tecnológicas. E foi justamente isso que, de certa forma, perturbou o cineasta e romancista Marcos Fábio Katudjian. “Ouvi falar pela primeira vez em snuff movies em 1997 pela boca do Arnaldo Jabor. Logo essa ideia de existir esse tipo de coisas entrou-me pelos ouvidos. Concluí ser esse o fundo do poço em termos de humanidade”

Eu próprio tenho em minha pos-

se imagens que me parecem reais, de decapitações cometidas por soldados. Serão reais? Chocantes são. Mas não posso considerar essas filmagens snuff. Simplesmente recuso-me a acreditar. Será que me recuso? Será que o ser humano não será capaz de cometer atrocidades assim? Talvez não me recuse a acreditar. Talvez seja o contrário. Não acredito em recusar...

Mas também me questiono, também ponho a televisão interna a funcionar e no meu canal da informação, questiono-me, “Se isto for falso, venham daí os Óscares para este tipo de filmes!”. Existem muitas histórias, ou melhor, existem apenas (!) histórias. É por isso uma lenda com muitas histórias e muitas personagens. Saliento novamente, o ser humano é isso mesmo, humano! Não é preciso ir muito longe para ver do que somos capazes e todos temos os nossos requintes. Sejam eles extravagantes ou não.

Pergunto novamente, conhecem algum snuff? Já viram algum filme, seja ele “home made” por alguém que possam eventualmente conhecer? Adquirido por vós ou por alguém, em que sejam filmadas tais cenas? Até que ponto o snuff é uma lenda? Depois de tantas investigações, abrimos a mão e o que encontramos? A minha opinião encontra-se de mão fechada para um contacto fortuito com estes filmes.

O marco que separa o mentalmente sadio dos distintos é ténue...

Basta procurarem... Olhem para o outro lado da rua... A loucura é já ali ao lado...

“E cada um acredita, facilmente, no que teme e no que deseja.”

Jean de La Fontaine •



“Decapitações? Tchetchenia, Iraque, Vietname... Quantas mutilações não foram registadas para a fita? Ponderem, será isso uma porção de snuff?”





Arlequim Diabólico

Devis DeV deviLs g.



Hoje em dia a celebração de Carnaval mais famosa no mundo é certamente a brasileira, no Rio de Janeiro, mas até alguns séculos atrás, o Carnaval de Veneza era o mais famoso.

O Carnaval é um festival tradicional italiano e envolve o uso de máscaras, representando o mesmo que o Halloween para o povo anglo-saxónico. Existem muitos estudiosos que referem que as tradições carnavalescas remontam aos tempos pré-cristãos, tal como acontece com o festival de Halloween/Samhain.

Os antigos festivais romanos de Saturnalia e o grego de Dionísio, são provavelmente as origens do carnaval italiano, mas muitas tradições são baseadas noutros rituais pré-cristãos, tal como ocorre com o Krampus e Perchten, que são figuras do folclore alpino.

Eventualmente, artistas profes-

sionais de teatro que viajavam de terra em terra formaram os "Commedia dell'arte" em Itália no século XV apresentando máscaras de carnaval, fazendo diálogos improvisados e teatro de rua. Estas personagens de carnaval multiplicaram-se com o tempo e com eles a personagem do Arlequim tornou-se a mais conhecida pelo mundo fora.

Em francês é conhecido como Arlequin, enquanto que em inglês é Harlequin e no original italiano Arlecchino. Ele é acrobata e maroto, veste tipicamente uma máscara preta com um inchaço e um fato colorido em forma de losangulos.

Segundo as tradicionais conspirações dos "Commedia", o Arlequim é nativo de Bergamo, uma cidade do norte de Itália, e o seu comportamento é um reflexo exagerado do comportamento tosco das pessoas rurais de Bergamo, que foram obrigadas a ir para Veneza para viver

como serventes. Como tal, os seus interesses nem sempre coincidem com aqueles dos senhores, porque os seus objectivos primários são o seu próprio conforto e satisfação dos mais variados desejos. Esta atitude misciva podia dar uma pista acerca das suas origens. Até a sua máscara negra devia evocar uma sensação demoníaca e assustadora.

Os estudiosos acreditam que o Arlequim é o que resta de uma figura demoníaca pré-cristã que partilhava o mesmo nome e aspecto em vários locais diferentes da Europa.

No século XII o historiador da igreja Orderico Vitale escreveu no seu livro Historia Ecclesiastica, algo acerca de um clã de demónios chamados Herlechini. Depois disso surgiram contos medievais franceses que fazem relatos de um emissário do Diabo que apresentava face negra e que se chamava Harlek e por vezes Hellequin e que se diz que vaguea-



va pelas zonas rurais chefiando um grupo de demónios que perseguiram as almas condenadas de pessoas malféticas e as enviavam para o Inferno.

Na língua germânica ancestral também há muitas similaridades entre o Hölle König, que mais tarde foi traduzido como "Helleking", O Rei do Inferno. É realmente um nome bastante evocativo para acrescentar à lista!

Alichino é outro nome de demónio muito próximo do nome de Arlequim e pode ser encontrada em La Divina Commedia de Dante Alighieri, um dos mais importantes poetas medievais italianos. Alichino é um tipo de sktech humorístico sobre um demónio que argumenta acerca dos seus companheiros do inferno que causam muita confusão e tumulto e ele é uma das personagens principais do episódio mais hilariante do Inferno de Dante, narrado nos cantos XXI, XXII e XXIII.

É fácil perceber que combinando todos estes nomes e características obtemos o nosso conhecido Arlequim.

Podemos divagar sobre o facto do Arlequim actual ser tido em pouca conta em comparação com anteriores encarnações. Bem, isso só acontece porque eventualmente ocorreram adulterações feitas pela cultura cristã, que alterou um demónio da natureza e o transformou em algo urbano, de carácter tolo.

De toda a ferocidade de antigamente e olhar selvagem, apenas restou a sua máscara, como uma relíquia daquilo que outrora seriam os seus cornos demoníacos. E as suas roupas coloridas é apenas um reflexo do seu antigo homo selvaticus, feito de folhas amarelas, vermelhas, castanhas e verdes. No entanto a sua agilidade física e as suas características peculiares mantiveram-se, caracterizando-o como esguio, pregador

"De toda a ferocidade de antigamente e olhar selvagem, apenas restou a sua máscara, como uma relíquia daquilo que outrora seriam os seus cornos demoníacos. E as suas roupas coloridas é apenas um reflexo do seu antigo homo selvaticus, feito de folhas amarelas, vermelhas, castanhas e verdes."



de partidas, traiçoeiro como uma raposa, ágil como um gato e selvagem como um urso.

As religiões monoteístas de vistas curtas não conseguem processar a complexidade da mitologia que emana das tradições politeístas. De forma arrogante e ignorante a mente distorcida dos cristãos tenta encurralar mitos anciãos numa cabine estreitamente dualista.

Desta forma alguns deuses antigos tornaram-se demónios, como por exemplo o grande deus Pã, com pêlo, cascos e cornos (também com cornos!) que se tornou no protótipo do Diabo no imaginário estereotipado dos cristãos.

Também ocorreu o caso de deuses antigos se terem tornado santos, como aconteceu com o Castor e Pollux, o Dioskouroi, os filhos gémeos de Leda e Zeus, que foram transformados em santos Cosmas e Damian.

Por outro lado ancestrais demónios ateus que foram praticamente esquecidos e deixados de parte, apareceram mais tarde como mortais nas formas mais variadas.

Bem, onde é que coloquei a minha máscara negra? E o meu fato de losangulos coloridos? •



O Satanismo Através dos Tempos

De Draconis Blackthorne

Tradução de Outubro

Este ensaio analisará algumas das influências culturais mais importantes que Satanistas de facto/pensadores carnaís, conhecidos e desconhecidos, tiveram na história, em termos colectivos ou individuais, tentando responder à questão sobre o que andavam os Satanistas a fazer antes da formação da Church of Satan.



INTRODUÇÃO

Antes de mais, é conveniente definir que Satanistas ou tipo Satânico são uma etnia e existiram em todas as culturas, ao longo da história, de uma forma ou de outra(1) – se não dando por esse nome, certamente pelas suas ações e predisposição. Serão aqui referenciados alguns dos indivíduos e grupos mais proeminentes e relevantes, embora, repito, o tipo satânico esteja presente em todas as culturas e estes não fossem provavelmente reconhecidos como tal, antes dessa nomenclatura ser atribuída, segundo a terminologia Judaico-Cristã, sem levar necessariamente em linha de conta as alegadas características que lhes são atribuídas pela propaganda do sacerdócio do caminho absoluto(2), a fim de afugentar o rebanho para os bancos de igreja.

Observação

Relativamente à ilusão de Deus/Deusa: Embora o homem criasse diversas divindades como reflexões de características humanas, para antropomorfizar princípios metafóricos e instilar superstições e medo, para controlo da população, um Satanista encararia tais descrições como características utilizáveis do Ego e utilizaria fosse que simbolismo fosse para se potenciar e se satisfazer em termos carnis. Nestas referências, a diferença entre o tipo carnal e o tipo espiritual revela-se, na medida em que uns se identificam com as características de um dado arquétipo e outros se submetem a ele, acabando os primeiros por explorar e manipular estes últimos. Enquanto o tipo espiritual procura sistematicamente explicações amorfas para ilusões fabricadas no exterior, mantendo-se servil e estagnado, o tipo carnal progride para além dessas limitações, determinando assim a evolução do pensamento e do próprio ser.

Os tipos espirituais simplistas continuam a conceber divindades literais, enquanto os mais evoluídos as reconhecem como construções figurativas, que depois de ponderadas podem ser convenientemente distribuídas, podendo então os diversos tipos de personalidade ver-se refletidos nalguma característica em particular.

(1) Ver Nomes Infernais: Bíblia Satânica.

(2) Como definido em A Bíblia Satânica, edição HellOutro Enterprises Hell002, Dezembro 2007

DIABOLISMOS

“As verdadeiras eras do tempo reflectem-se na semelhança de Nove, com todos os ciclos que obedecem à sua Lei. Todos os assuntos de interesse mundano podem ser avaliados pela infalível determinação dos Nove e da sua prole” – The Unknown Known: The Satanic Rituals. Magnus Anton Szandor LaVey

1. O Antigo Egipto
2. A Grécia Antiga
3. O Império Romano
4. Os Yezidis
5. A Renascença
6. Os Cavaleiros Templários
7. Os Khlysty
8. O Hellfire Club
9. A Church of Satan

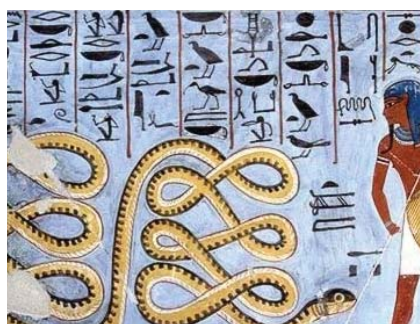
O Antigo Egipto

- Arquétipo: Amon, Set (Neters)
- Personalidades: Os Sacerdotes de Amon

No tempo em que religião e o governo eram apenas um, existia no Egipto o Sacerdócio de Amon que venerava a imagem do “Carneiro do Sol” / o Bode Amon, o “Oculto” (aludindo à Força Negra da Natureza) e praticavam a Feitiçaria da Magia Superior e Inferior para manter a população na ordem, promovendo em simultâneo a civilização, as Artes, a arquitectura, as matemáticas e a tecnologia esotérica.

Set, o Deus Serpente era considerado o Deus da Noite e das Tempestades, um Neter de rebelião, representando a independência e a ambição (equivalente a Lúcifer neste sentido). É provável que os religiosos do caminho absoluto, bem como as culturas/religiões estrangeiras subsequentes tenham conotado, posteriormente, as características simbólicas desta criatura com o Diabo.

É perfeitamente aceitável que os Feiticeiros Egípcios criassem toda uma realidade que lhes fosse favo-



rável, dentro dos muros das pirâmides, utilizando-as como verdadeiros pergaminhos com hieróglifos que descreviam os prognósticos do Porvir.

A Grécia Antiga

- Arquétipos: Pan, Dionísio, Baco / “Os Deuses”
- Personalidade: Aristóteles
- Grupos: Pitagóricos, Peripatéticos

Aristóteles era um proeminente pensador carnal da Grécia Antiga, sem dúvida um Satanista, que se opunha as teorias Platónicas espiritualistas da altura e que, em conjunto com os Peripatéticos, sustentava uma filosofia baseada na razão e na dialéctica. (ver Aristóteles em: The Satanic Philosopher; The Black Flame # 16).

Associando-se aos Peripatéticos (os filósofos; lado esquerdo do cérebro) e aos Pitagóricos (cientistas e arquitectos; lado direito do cérebro), procurou explicar, apoiar e aplicar os métodos da Natureza, estabelecendo o Número de Ouro ou Proporção Áurea (cinco), que é a base do Pentagrama, dentro do qual o mundo natural se aglutina.

Enquanto sociedade, em conjunto com as seitas que adoravam simbolicamente O Falo e exaltavam o erotismo completo em templos, a Grécia reconheceu a importância da indulgência, personificando igualmente esses impulsos em Pan, o Senhor da





Luxúria, uma representação visual do animal humano em toda a sua glória primitiva, e em Baco, o deus do vinho e da alegria. Combine-se o pentagrama dos Pitagóricos com os atributos e a estética de Pan, as filosofias racionais de Aristóteles e dos Peripatéticos, com a indulgência de Baco e obteremos mais uma confirmação da evolução do Satanismo e do desenvolvimento do Baphomet no mundo antigo.

Para além dos animais mitológicos que habitavam a terra, tal como se referiu na introdução, os “Deuses” celestiais reflectem traços grandiosos (e também mesquinhos e totalmente podres, em alguns aspectos) da personalidade humana, com designações elementares e planetárias, talvez numa tentativa de fundir o carnal ao “divino” só, o que sempre teve e continuará a ter origem na mesma fonte – o cérebro carnal.

[Leituras relacionadas: History of The Digil of Baphomet de Magus Peter H.Gilmore.]

O Império Romano

- Arquétipos: César / “Os Deuses”
- Personalidades: César, a Sociedade Romana
- Eventos: O Circus Maximus, o Circus Flaminius

Sendo grande parte do panteão Romano inspirado na mitologia Grega, ambos são virtualmente permutáveis, apenas diferindo nas nomenclaturas. Em termos iconográficos, o Mitraísmo tinha grande aceitação entre os soldados e a nobreza, que se reuniam em cavernas subterrâneas, denominadas Mithraeums, para veneração do deus simbólico do sol, da justiça, dos acordos e da Guerra. O Mitraísmo revelava uma ordem hierárquica e relacionava-se com o Poder, visualmente retratado na Tauroctonia, uma representação de Mitras a matar um touro, como afirmação de força, reunindo também uma miríade de outras conotações simbólicas, incluindo a posição de constelações e as suas designações politeístas.

Antes da Reforma, poder-se-ia avançar com a hipótese de que César fosse, ele próprio, uma figura muito Satânica pelo facto de se auto-proclamar um Deus entre os deuses. Um deus encarnado na terra.

Tal como a sociedade Grega, a sociedade Romana, era decididamente satânica na sua essência, centrando-

se na indulgência e, no caso dos Romanos, também na Lei e na Ordem. César sabia bem como manter o povo feliz asseverando em simultâneo a justiça (Lex Romana), que influenciou significativamente a estrutura das leis modernas, mas que foi desde então diluída, reduzindo-se assim a sua plena eficácia.

Organizavam-se espectáculos magníficos em enormes anfiteatros e Coliseus, com nomes como Circus Maximus (onde os mais infames criminosos e/ou cristãos eram lançados aos leões em conjunto com o que mais importava, as corridas de quadrigas e combates de gladiadores), Circus Flaminius (onde eram conduzidos os Ludi Taurii em honra aos Deuses do Submundo) e o Circo de Nero.

Adicionalmente, se não fossem condenados à crucificação fora dos muros da cidade, era por vezes dada aos criminosos a opção de tomar parte nestes perigosos jogos como Gladiadores, podendo depois disso, caso sobrevivessem, ser-lhes concedido o perdão, mediante o consenso dos espectadores, que estavam au-



torizados a apostar no possível vencedor dos jogos. Como não seria de espantar, a criminalidade era baixa no Império Romano. O crime era visto não só como um delito perpetrado contra um cidadão, mas contra César e o próprio Império e portanto o seu destino era selado para divertimento dos espectadores, o que além de ser um elemento dissuasor, proporcionava igualmente diversão.

Por todas estas razões, pode o Império Romano ser equiparado, na prática, a um protótipo de sociedade, em que tanto os desejos carnaais como a justiça são servidos, desde que preenchidos os requisitos para tal.

Os Yezidis

- Grupo: Os Yezidis (Iraque)
- Arquétipos: Shaitan / Melek Taus
- Personalidade: Sheik Adi
- Texto: Al-Jilwah

No Médio Oriente, perto do Monte Lalesh, onde as “Torres de Satan”, as Zariahs se projectam em direcção aos céus (e se diz propagarem a vontade do Mago sobre os descendentes de Adão), sinalizando o Rio Zam-Zam, que conduz a Shamballah, existe um curioso e singular grupo que dá pelo nome de Yezidis, exilado pelo Mundo Islâmico por venerar um “Deus Demoníaco” chamado Sheitan, personificado em Melek-Taus, o Rei Pavão. Sendo um dos mais místicos desta lista e classificados como “adoradores do diabo” por observadores assustados, este misterioso clã, fundado pelo Sheik Adi que difundiu a Al-Jilwah (O Li-





vro Negro), As Declarações de Sheitan. Reconhece os desejos humanos como prática e formas de expressão naturais, conciliando-os com uma religiosidade profunda e práticas Mágicas. Isto pode também deduzir-se pelo selo de Melek-Taus que, para além de ser também um ícone, retrata vários elementos de orgulho, incluindo um espelho e um pente.

É claro que os Yezidis não se consideram “adoradores do diabo” e reconhecem uma parte restrita cosmologia Judaico-Cristã-Islâmica(3). Melek-Taus é considerado um personagem angélico Luciferiano, que ao passar por um teste, se recusou a curvar perante Adão, sendo-lhe concedido o domínio da terra como recompensa pelo seu orgulho. Este arquétipo contém em si mesmo traços de rebelião, orgulho, generosidade e beleza. Acreditam ser unicamente descendentes de Adão e não de Eva, que alude a Lilith, ou “primeira esposa de Adão”. Ao contrário dos Gnósticos, não se consideram anticristãos, nem se opõem a qualquer religião, preferindo em vez disso fechar-se.

O seu dia de ano novo coincide com o equinócio da Primavera, o Walpurgisnacht.

Serão Satanistas? Essa é uma questão algo polémica; pelo menos considerando a sua forma actual. Embora a maioria dos seus rituais sejam conduzidos em privado e pareçam apontar mais para um credo judaico-islâmico, ainda que pouco convencional e contendo em si algumas semelhanças. Vemos aqui toda uma cultura dedicada a Sheitan, cuja história sustenta, ter acabado por contribuir para a evolução de algumas das características de Satan, especialmente no que toca às suas conotações Luciferianas. Não seria de todo descabido pensar que estejam a usar a arte do engano como disfarce perante os fundamentalistas Islâmicos preservando, enquanto isso, as suas verdadeiras tradições, em cenários mais privados. E isso seria considerado bastante Satânico!

Tal como o Dr. LaVey observou, parte do material será certamente de valor.

[Leituras relacionadas: Pilgrims of The Age of Fire: The Satanic Rituals]

Como nota de rodapé: Há um grupo semelhante oriundo do Tibete, exilado do mundo Budista, que aclama Dorje Shugden, uma personagem de aparência demoníaca, como seu “protector”.



(3) Que poderá ter algumas das suas origens nos Ofitas (os primeiros “adoradores do diabo” heréticos). Estes grupos Gnósticos eram tidos como heréticos pois consideravam a serpente o mensageiro da sabedoria (o que inspirou a representação de Ouroborous), aclamando Caim e Seth como “iluminados” pela gnose e Moisés e “O Demiurgo (Yahweh/Jeová) como um falso deus e um sabotador inferior. Os Ofitas reconheciam um Hebdomad demoníaco e divino (consistindo em sete espíritos) enquanto os Yezidis reconhecem um Heptad (Os Sete), bem como os Quatro Mistérios. Além de conter alguma iconografia interessante, os Ofitas mantêm-se no limiar de um sistema dualístico Judaico-Cristão e não são, por definição, Satanistas.

Os Cavaleiros Templários

- Arquétipo: Baphomet
- Personalidade: Jacques DeMolay
- Período: Idade das Trevas

Embora tratando-se de Cruzados oficialmente nomeados para manter controle das finanças e influência políticas, os Cavaleiros Templários, chefiados por Jacques DeMolay, serviram o Rei e Papa militarmente, mas apenas de nome, reconhecendo, enquanto isso, em privado Baphomet como o verdadeiro “Senhor da Terra” (deixando de vez em quando escapar uma ou outra alusão à chamada cabeça de “São João Baptista” para que em proveito próprio, se mantivessem de boas graças com a outra opção, a grande abstinência).

Invejosos e temendo a sua crescente influência, o Papa Clement IV e o Rei Filipe V, incriminaram esta nobre ordem, acusando-a de blasfêmia e bruxaria, imolando-os numa sexta-feira 13, de onde deriva a infâmia dessa data. Vendo-se assim desmembrados, os Satanistas voltariam a submergir, evoluindo para a seguinte e inevitável manifestação histórica...

[Leituras Relacionadas: L’Air Epais: The Satanic Rituals]

Renascença

- Textos: Paraíso Perdido (John Milton), Ode a Satan (Carducci). O Inferno de Dante (Dante Alighieri)
- Personalidades: Galileu, Dore’, Hieronymous Bosch, Boda-



celli e outros

Durante este período da história, criaram-se muitos tomos e obras de arte visualmente impressionantes, na sua maioria para propaganda Católica, que resultaram em divertidas ficções negras, distinguindo-se especialmente, de entre elas, as seguintes obras.

O Paraíso Perdido de John Milton, que personifica heroicamente em Lúcifer, o maior e mais orgulhoso rebelde de sempre, contrariando todas as formas de tirania, em nome da liberdade, evoluindo como Satan e fundando o seu próprio reino na terra. Desse volume deriva a citação “mais vale reinar no Inferno que servir no Céu”, sendo esse sentimento prometeico partilhado de forma omnipresente por Satanistas.

Embora a um nível inferior, O Inferno de Dante inspirou muitos das representações altamente imaginativas, horrendas e melancólicas das Regiões Infernais, que apesar de não se relacionarem directamente com

a filosofia Satânica e serem encomendadas pela igreja para instilar o medo, acabaram também por inspirar temas para a subsequente jornada mítica do épico.

Artistas desse período, tais como Dore’, Bosh, Bodacelli e outros, acabariam por ilustrar estas magníficas histórias, cujas características sombrias são apreciadas até hoje por muitos Satanistas.

A Ode a Satan, do romancista Giosuè Carducci, constitui um tributo extensivo e admiravelmente favorável ao Anfitrião dos Infernos.

Mas até mesmo no decurso da Renascença, os cientistas, astrónomos, filósofos e inventores da época viam-se frequentemente forçados a ser cautelosos, devido à teocracia prevalente. Se uma invenção não fosse sancionada pela igreja ou se esta não beneficiasse de alguma forma com ela, far-se-ia constar que tinha ligações com Lúcifer. Infelizmente muitos foram os génios enviados para a força e para fogueira, acusados de se aconselharem com Satan e



com os seus servos, acabando tristemente como mártires da “causa” e/ou eram incriminados pela Igreja caso recusassem submeter-se às suas leis. Escusado será dizer que um Satanista projectaria fosse que imagem fosse, para proteger os seus interesses e assegurar a sua preservação, mantendo em simultâneo a sua perspectiva intacta. Essa seria simplesmente a atitude mais sensata.

Os Khlysty

- Grupo: Os Khlysty
- Arquétipos: Tchort, Kaschei, Morena e outros
- Personalidade: Grigori Efimovich Rasputin

Os Khlysty eram um grupo que proclamava a “paz e a redenção através do pecado” (geralmente sexual e de natureza ritualista), o que se harmoniza claramente com a ideia de que “o estágio mais alto do desenvolvimento humano é o reconhecimento da carne”, embora acatando muitas das instrumentalizações da Ortodoxia Russa, à semelhança de muitas outras culturas, que se tinham de aclimatar à teocracia vigente, pelo menos à superfície, a fim de sobreviverem, limitando-se a combinar a iconografia tradicional com a contemporânea, embora continuando a praticar a sua religião em privado.

Tal como os Yezidis, o seu arquétipo era um deus negro, que no seu caso dava pelo nome de Tchort (acidentalmente utilizado como inspiração do Diabo na Fantasia de Disney, pelo Satanista de facto, Walt Disney, nem mais nem menos!), que andava escondido pela terra, tal como Belial. Para além Tchort havia um panteão diabólico de deuses demoníacos com diversos papéis.

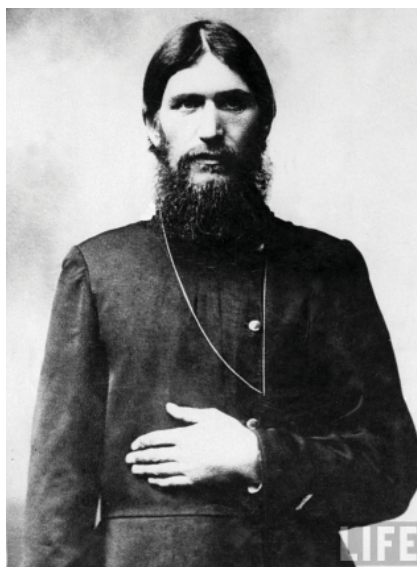
Embora Rasputin não fosse o fundador dos Khlysty, a filosofia destes harmonizava-se bastante com a sua visão do mundo. Justapondo a indulgência ao misticismo, foi empregando princípios de Magia Inferior para conquistar os favores do Czar e Czarina, assegurando dessa forma uma posição entre a nobreza. Conhecido como o “Monge Louco”, tornou-se um conselheiro, dirigindo basicamente o governo através do seu aconselhamento auto-engrandecedor e modificando situações de acordo com a sua visão.

[Leituras Relacionadas: *Homage To Tchort: The Satanic Rituals*]

O Hellfire Club

- Arquétipo: Satan / Lúcifer / Baphomet
- Grupo: O Hellfire Club (US & UK)
- Personalidades: Sir Francis Dashwood, Benjamin Franklin, William Blake, George Washington, The Earl of Sandwich, Thomas Jefferson, John Adams, James Madison, John Hancock e outros.

Exclusivo à Aristocracia no passado, o grupo contava com iconoclastas que fundaram nações inteiras de acordo com a sua ingenuidade e visão carnal e que embora apresentando-se como personagens agradáveis aos supersticiosos comuns, satisfaziam alegremente os seus



desejos carnis, enquanto mexiam os cordelinhos políticos e governamentais e prestavam homenagem a Baphomet(4), como o Senhor da Carne. Considerando a suas verdadeiras inclinações e práticas privadas, certamente que seriam totalmente a favor de uma América Satânica Unida! (ver Lúcifer Day).

Como nota de rodapé: promovendo de início avanços na arquitetura e nas matemáticas, muitos dos ritos(5) subsequentes de influência Salomónica eram provavelmente utilizados com fins dramáticos, permitindo a utilização de terminologia bíblica em doses liberais, por cortesia de um tal Albert Pike, complementada com sentimentos Anti-Católicos. É sabido que parte da conduta dos religiosos do caminho absoluto inclui forjar propaganda utilizada para difamar o carácter daqueles que não concordem com o seu fundamentalismo, “demonizando” dessa forma

os opositores, frequentemente adoradores do mesmo conceito geral de deus e originando, por conseguinte, uma série de “denominações”.

Relativamente à ideia da actual Maçonaria ser de certa forma “Satânica”: Existindo actualmente como referência histórica e apesar das alegações inexatas e paranóicas de alguns teóricos da conspiração, a Maçonaria é actualmente irrelevante para o Satanismo, tal como foi uma das várias pedras basilares para a evolução final da Church of Satan. Por outras palavras: Já não o que era, sendo agora essencialmente frequentada por deslumbrados, necessitados de uma muleta para os seus egos empobrecidos, fornecendo enquanto isso um pouco de misticismo a pseudo-ocultistas, através de rituais estéreis que, à semelhança de outras religiões do caminho absoluto, mais parecem rotinas de um serviço religioso de Domingo, ou de um clube social, do que sinónimo de verdadeiro diabolismo.

(4) Criaram até um símbolo para Baphomet, por vezes referido como a conhecida “Cruz de Lorraine”: ‡; de notar ambas as “cruzes” herméticas, uma invertida outra direita, simbolizando ambos os potenciais num só “o que está em cima é como o que está em baixo”; “Tudo é Um” infere.

(5) É de referir que o “Rei Salomão” bíblico (ver “Canção de Salomão”) era um crente do caminho absoluto que se considerava ele mesmo sob a égide de “Yahew/Jeová”, cujos “manuais”, “O Lemegeton” e “Goetia” são utilizados, até aos dias de hoje, por magos em cerimónias, incluindo Aleister Crowley, que tal como eles próprios reconhecem, NÃO são Satanistas!

A Church of Satan

- Personalidades: Anton Szandor LaVey, Peter H.Gilmore, Peggy Nadramia, Blanche Barton e Hierarquia.
- Textos Fundamentais: A Bíblia Satânica, The Satanic Rituals, The Satanic Witch; The Devil’s Notebook, Satan Speaks (Magus Anton LaVey); The Satanic Scriptures (Magus Peter H.Gilmore).
- Textos Adicionais /Suplementares (incluindo mas não limitado a): The Church of Satan: History of The World Most Notorious Religion, The Secret Life of A Satanist: The Authorized Biography of Anton



LaVey (Magistra Blanch Barton); Para Além do Bem e do Mal, Genealogia da Moral, O Anticristo (Frederick Nietzsche); Might is Right (Ragnar Redbeard); Atlas Shrugged (Ayn Rand), The Evolution of Species (Charles Darwin), O Homem e os Seus Símbolos; Mark Twain, Ben Hecht, Jack London e muitos outros, de vários gêneros, que exprimem o ponto de vista satânico.

- Website: www.churchofsatan.com

Impulsionado pelas experiências do Magic Circle fundado como tal em 1966 e.c., reconhecendo as oportunas mudanças do clima cultural e opondo-se igualmente a muita da irresponsabilidade, abuso de drogas e mediocridade, Magus Anton Szandor La Vey proclamou o Ano Um da Idade do Fogo, formando a Cabala conhecida como Church of Satan, formulando por escrito em

1969, através d'A Bíblia Satânica o que nós, indivíduos carnais, inerentemente sentíamos e praticávamos desde sempre, a nível intelectual e instintivo, permitindo, pela primeira vez na história, que Satanistas se afiliassem abertamente ou em privado, a uma organização oficial, que serve os nossos interesses, ostentado orgulhosamente o nome do Diabo.

Desde o Ano Um, que o mundo continua a ser indelevelmente influenciado pela filosofia e estética do Satanismo, dos filmes à música, à arte e à literatura, com membros de todas os estratos sociais, velada ou abertamente presentes.

Leituras Relacionadas

- A Bíblia Satânica de Magus Anton Szandor LaVey.
- History of The Church of Satan de Magus Peter H.Gilmore.
- The Church of Satan de Magistra Blanche Barton

Videos Relacionados

- Satanis: The Devil's Mass (Something Eeird Video)
- Speak of the Devil: The Canon of Anton LaVey (Feral House)
- Church of Satan Interview Archives (Purging Talon Publishing)
- Inside The Church of Satan (Shadowbox Entertainment)

CONCLUSÃO

Sendo criaturas práticas e carnais, os Satanistas utilizaram através dos tempos, todos os meios necessários para assegurar a sua sobrevivência e facilitar a indulgência, empregando a Arte do Engano quando necessário, criando símbolos, códigos, terminologias, locais clandestinos, arquitectura, etc., associados a uma mística estimulante, embora valorizando sempre a razão e o instinto, em detrimento dos sonhos irreais e supersticiosos de que o rebanho se embebe, e abraçando as maravilhas e os mistérios da natureza.

O Satanismo deriva de uma rica e vasta colecção de tradições culturais – permitindo-nos assim modificar e personalizar seja o que for, para servir os nossos propósitos e potenciar o nosso Eu, seja reunindo-nos em grupo e/ou perseguindo os nossos interesses individuais.

Em última análise, as religiões do caminho absoluto sempre foram irrelevantes para o Satanismo na sua essência, que apenas explora certas imagens mitológicas e lendárias para manipulação, divertimento, ou por vezes, para estabelecer um ponto de vista metafórico mais amplo.

Em termos gerais, tal ofuscação é absolutamente desnecessária; agora que entrámos em pleno na Idade do Fogo, poderemos, se assim o desejarmos, proclamar ousadamente que somos Satanistas! •





O Convite

Outubro



Sentado aqui, eis que modelo homens

À minha imagem
Uma raça que me seja comparável,
Para sofrer e chorar,
Para gozar e jubilar,
E para não te venerar,
Como eu!

Goethe – Prometeu

Se fosse possível condensar num mito, o advento do conhecimento racional e as tempestades inerentes, eu escolheria sem dúvida o mito que mais trambolhões e reformulações sofreu: Prometeu. O único capaz de reunir em si os atributos paradoxais de Cristo e Anticristo. Por um lado, o semi-deus sofredor, o filantropo que dá a vida pelos homens, por outro a metáfora de qualquer rebelde, cujo sofrimento se afigura apenas como um mal necessário, cem vezes preferível à paz podre sob a hegemonia de um deus ou senhor. Cristo, o salvador espiritual, Lúcifer o

portador da luz.

Na verdade, os sucessivos “ataques” ao mito de Prometeu resumem na perfeição o conflito iniciado pelo Cristianismo, que tão oportunamente logrou conotar a herança de Prometeu com a salvação espiritual e a filantropia altruísta de Cristo, (embora sem resposta para a questão da desobediência ao Zeus/Deus), por oposição à vida material e à perdição, habituando-nos desde então a essas dicotomias plenas de lacunas mais fundas que um fiorde norueguês, em detrimento da evidência mais claramente expressa na história de que a munição essencial à sobrevivência INTEIRA do homem na terra, aquilo que o distingue e o potência é a chama do conhecimento e isso traduz não uma dicotomia mas uma alternativa a esta. (Tão pouco empresta ao portador da luz o perfil de sofredor submisso. Lembrem-se que enganou Zeus com o boi e Cristo jamais o faria). Pois é: O “espírito” não se opõe à matéria. O conhecimento integra a matéria e a razão.

A gafe é tal que dá vontade de rir, mas demonstra, pela via do absurdo, o motivo pelo qual o conhecimento racional se afigura a única salvação plausível, de uma vida pautada por quedas vertiginosas nos abismos gelados da ignorância, que pelo facto de abreviarem a estadia do acidentado, e só por isso, é bem provável que o conduzam mais rapidamente à “salvação eterna”.

Eis o início da guerra. Nascida da necessidade humana de explicar fenômenos naturais, as suas próprias motivações e conflitos perante estes, projectando-os em divindades “guia”, cujos atributos, em conjunto com os temas narrados, sistematizam por inerência os padrões éticos, pelos quais se procura reger, a Mitologia anuncia-se desde logo como a antecâmara paradoxal da razão, que levaria os primeiros filósofos da Grécia Antiga a estabelecer a ponte entre o pensar mítico e o pensamento racional, que, por sua vez, marca a organização da polis, em consequência da racionalização social, em que o homem



se afirma como senhor das suas próprias criações e os mitos se modificam de conformidade. (Era dos heróis).

Curioso é o facto de que em vez de romper bruscamente com os conhecimentos do passado, os primeiros filósofos Gregos, socorrem-se do simbolismo mítico, para desenvolver o conhecimento racional, USANDO-O com uma certa liberdade, para fundamentar as suas teorias, inferindo uma evidência válida até hoje, a evidência de que a Mitologia contém em si um convite subliminar à interpretação/utilização pessoal, essencial à compreensão da realidade através do seu estudo e que este não se pode resumir a leituras de análises e críticas alheias, ou assimilação de uma “história verdadeira”.

Em suma, a ideia de que o importante não é que a história seja verdadeira ou falsa mas sim que potencie identificação e resoluções em função do contexto pessoal e/ou social.

De facto a ausência de juízos de valor característica da Mitologia Grega (mesmo que vinculada a valores éticos), cujos dogmas religiosos diziam respeito aos cultos e não propriamente a quem fazia as narrativas, permitia não só aos filósofos mas também aos poetas interpretar/recrearem livremente os episódios que envolviam deuses, cujo sucesso não dependia da exactidão da história, mas única e exclusivamente da forma como esta fosse aceite ou rejeitada pelo povo, ao contrário do Cristianismo em que o crente não está “autorizado” a uma interpretação pessoal dos textos bíblicos.

Esta utilização pro-activa do simbolismo mítico, em oposição à submissão passiva ao dogma nele encerrado (o que se traduz no plano pessoal na submissão a mitos pessoais obsoletos, mesmo que estes já não permitam lidar satisfatoriamente com o quotidiano) evidencia a importância da mitologia cultural e/ou pessoal na evolução saudável da sociedade e/ou do indivíduo como agente activo de mudança, pois infere um ciclo de progresso social e individual.

O entendimento dos mitos culturais, facilita o entendimento dos mitos pessoais, que por sua vez nos permitem construir a nossa identidade e valores, munidos de uma visão muito mais rigorosa da realidade, o que potencia em nós a capacidade de tomar parte activa na modificação da própria sociedade e na modificação dos próprios mitos culturais a longo prazo.

Eis chegado o momento de os justapor enquanto processos cognitivos pro-activos e em constante modificação, como ferramentas de evolução pessoal e cultural.

Primeiro: A compreensão de que todas as concepções da realidade são míticas e consequentemente efémeras, facilita a reformulação de velhas formas de pensar em vez de nos pressionar a persistir nelas passivamente. À semelhança das mitologias culturais, também as mitologias pessoais estão em constante mutação, revelando-se através de mitos pessoais emergentes que entram em conflito ou complementam os anteriores.

A compreensão dos sonhos, enquanto marcos identificativos de mitos pessoais, é essencial para o entendimento destes. O sonho está para o indivíduo como a narrativa do mito cultural para a resolução de conflitos dialécticos em sociedade, funcionando como referência simbólica de um mito emergente contra um mito antigo. Ao entender o mito pessoal como uma visão da realidade volátil e modificável, o indivíduo está pronto a reformular-se, encarando a mutação dos mitos pessoais como um processo natural e não como uma presumível inconsistência em termos de personalidade.

Haverá mais que um critério de avaliação mas, não se tratando este texto de um ensaio específico sobre sonhos, optei por seleccionar o critério com que mais me identifiquei.

Os sentimentos presentes num sonho evidenciam frequentemente a função deste: O velho mito, ou mito obsoleto traduz-se frequentemente em sonhos caracterizados por frustração e desespero, em que nos sentimos despojados de energia, o mito emergente, em sonhos marcadamente optimistas e excitantes e o mito integrador, ou complementar em sonhos calmos e realistas, por quan-

“O entendimento dos mitos culturais, facilita o entendimento dos mitos pessoais, que por sua vez nos permitem construir a nossa identidade e valores”

to não há conflito subconsciente, mas apenas a reformulação do mito antigo.

A compreensão desses sinais permite ao indivíduo perceber em que momento um velho mito se torna desadequado para lidar satisfatoriamente com a vida quotidiana e consequentemente, reformulá-lo, mediante a interpretação dos mitos emergentes.

Conclusão... A substituição de um mito por outro é algo que se tem repetido ao longo da história e que se revela igualmente produtivo na evolução de uma identidade pessoal.

Mais que uma história verdadeira ou falsa o mito pode e deve ser entendido pessoalmente e utilizado pro-activamente em benefício pessoal ou colectivo.

Mais do que o fundamento de um dogma religioso a que se obedece passivamente o mito contém em si um convite a todas as criaturas inquiridoras e curiosas.

“Desvendem-me e usem-me.” •





Um olhar sobre a nossa História

Portugal tem uma das Histórias mais ricas do mundo, mas existe uma tendência nacional para desprezar os feitos de outrora e insistir na espiral depressiva que nos engole enquanto povo. Devemos ter orgulho no nosso legado e trabalhar para o honrar, em procura de novos dias de glória, e nada melhor do que falar com quem percorre os anais da nossa História, degustando os vários mitos de que dela fazem parte, para percebermos como o podemos fazer. Pedro Silva apresenta-se em primeira pessoa, um jovem autor com uma obra impressionante que vale a pena descobrir.

Lurker & Black Lotus



Como se apresenta a quem não o conhece: escritor ou historiador?

Acima de tudo, considero-me um escritor com interesse pela História. Daí que, normalmente, prefira designar-me por ensaísta.

Nasceu em Tomar. Considera que foi determinante para o seu percurso profissional e o seu interesse na História e suas vertentes Místicas o ter nascido na cidade dos Templários?

Sem dúvida que o facto de ter nascido na cidade templária de Tomar em muito influenciou o meu percurso profissional, sobretudo no que diz respeito ao campo do ensaio histórico. Por isso mesmo, a Ordem do Templo tem sido uma temática tão presente na minha actividade literária.

Tem alguma memória da primeira vez que ficou realmente impressionado com o legado histórico do nosso país?

Creio que há dois momentos que considero fulcrais para esta paixão pela História de Portugal. Em primeiro lugar, os documentários do Prof. José Hermano Saraiva, através dos quais conheci a História e os Monumentos nacionais e, em segundo lugar, a primeira visita que fiz ao Convento de Cristo, em Tomar.

E quando percebeu que iria dedicar a sua vida ao estudo da nossa História?

Essa noção tive-a já recentemente quando percebi que, mais do que escrever ficção, era o ensaio histórico, as visitas de investigação aos monumentos e a pesquisa, que mais me fascinavam dentro do campo literário.



Desde cedo que o gosto pela escrita foi latente, tendo inclusive ganho um prémio literário aos 10 anos. Quem ou qual foi a sua principal influência para começar a escrever?

Apesar de não ter uma resposta concreta a essa questão, é provável que tenha começado a escrever (e recordei que, com cinco anos passei a redigir as primeiras palavras e, pouco depois, já sonhava em construir textos narrativos) devido ao facto de sempre ter sido algo introvertido. Como tal, a escrita era uma forma agradável de passar o tempo.

Lembra-se por exemplo do primeiro livro que realmente o impressionou? E quem é o autor que o acompanha desde os primeiros tempos?

Apesar de ter lido muitos livros ao longo dos tempos, há uma obra que muito me impressionou, no caso A metamorfose de Franz Kafka. Quanto a autores que me acompanham, desde o início das minhas leituras, e para além do nome já referido, sempre apreciei Umberto Eco, Sue Townsend e Lídia Jorge.

Em 2000 publicou a sua primeira obra, dedicada aos Templários. Considera que não poderia ter sido de outra forma, dado todo o seu contexto pessoal com o tema, ou foi motivado por outra razão?

Essencialmente, esse livro sobre os Templários foi redigido com a intenção de ser publicado. Até então, a minha escrita era dispersa e sem motivação editorial. Na época, os livros disponíveis em Portugal sobre a Ordem do Templo não eram em tanta quantidade como

actualmente e entendi, na altura, que deveria escrever algo sobre uma instituição que tanta importância tivera na minha cidade.

Lembra-se ainda das sensações motivadas pela publicação do primeiro livro? Obteve o resultado esperado, ou esperava uma reacção diferente por parte do público?

A publicação do meu primeiro livro foi, sem sombra de dúvida, motivo de alegria incomensurável. Era um sonho concretizado. Porém, devo afirmar que, apesar dos mais de quarenta títulos publicados, a sensação de publicar uma obra, vê-la impressa nas minhas mãos e posteriormente à venda nas livrarias, é algo fantástico. Quanto ao resultado do meu primeiro livro, devo confessar que me surpreendeu pela positiva, tendo em conta que os leitores manifestaram, na sua maioria, o apreço pelo meu texto, o qual, recorde-se, procurava, acima de tudo, ser um pequeno manual introdutório à história dos cavaleiros templários.

Desde essa altura até agora tem editado várias dezenas de livros e artigos, quer em Portugal quer no Brasil, sobre as vertentes místicas e esotéricas da nossa História. Considera que o tema não tinha ainda sido devidamente tratado?

Na minha humilde opinião, ao longo dos tempos, tivemos ensaístas de grande qualidade que trataram os mais diversos temas com grande rigor. Foi a leitura desses pioneiros que igualmente me motivou a conhecer melhor todas as questões místicas e esotéricas que

*“Para um ensaísta,
todas as fases da
História são importantes para a construção de um país e em todas há importantes ilações que se podem extrair.”*



fazem parte do nosso passado. Porém, acreditei, em determinado momento, que a minha visão particular poderia ter interesse para os leitores e, como tal, tomei a opção de dedicar-me, igualmente, a esta área temática.

De todas essas obras publicadas, qual considera ser o seu principal motivo de orgulho e porquê?

Para mim, e creio que para uma esmagadora maioria dos escritores, os livros são considerados como “filhos”. Nessa perspectiva, é extremamente difícil para um autor escolher um título que considere “o principal”. Ainda assim, sem dúvida que há livros que marcaram imenso o meu percurso literário. O primeiro livro, *Ordem do Templo*: em nome da fé cristã marca o arranque da minha actividade literária. E o segundo título *História e Mistérios dos Templários* foi fundamental para me abrir as portas do mercado literário e editorial brasileiro, dado o sucesso obtido. Mais exemplos poderia referir mas, para o caso em concreto, e modo a evitar ser fastidioso, opto por referir apenas estes títulos.

O nosso país e a sua História continuam a ser a sua principal fonte de inspiração? Acha que esse é um tema finito e que em determinado momento se verá sem mais temas a explorar?

A História de Portugal tem sido, ao longo dos anos, quicá a minha principal fonte de inspiração, ainda que, para ter uma perspectiva mais ampla na minha actividade literária, se torne fundamental escrever sobre outros temas mais universais. Porém, na minha óptica, não acredito que a nossa História

seja um tema finito, sobretudo porque, quanto mais me dedico ao estudo do nosso passado, mais ampla se torna a área temática a investigar.

Tomei conhecimento da sua obra através do livro *História Mística de Portugal*. Um projecto ambicioso, como revela na sua introdução. Pode falar-nos um pouco mais do que esteve na génese da criação do livro?

O livro *História Mística de Portugal* surge com a minha vontade pessoal de redigir uma obra que pudesse focar o chamado “outro lado da História”, ou seja, áreas temáticas que normalmente são pouco focadas nos títulos mais académicos. Entendi que o mercado literário estava carente de um texto que focasse uma série de questões relativas a Portugal que me pareciam importantes e, simultaneamente, interessantes.

Em que outros projectos se encontra actualmente a trabalhar? Novos livros que poderemos ver nos escaparates em breve?

Actualmente encontro-me a concretizar um ansiado projecto literário, isto é, dar continuidade ao livro *História Mística de Portugal*. Se tudo correr conforme previsto, espero tê-lo nos escaparates no ano de 2010.

Gostaria de trabalhar em algum projecto para além do mundo literário? Qual?

Desde pequeno que o meu sonho sempre foi trabalhar no mundo literário, pelo que a possibilidade de o ter concretizado reveste-se de forte alegria pessoal. Ainda assim, acredito que há dois projectos que, pese embora a di-

ficuldade na sua criação, ainda almejo tornar realidade: em primeiro lugar, gostaria de dirigir uma revista de História; em segundo lugar, a ideia de um Centro de Estudos Templários parece-me uma necessidade histórica e turística de grande relevo.

De todas as histórias com que se deparou, qual ou quais considera terem sido as que mais o influenciaram ou impressionaram?



Após mais de dez anos de intensa dedicação ao estudo da História torna-se algo difícil seleccionar aquela ou aquelas histórias que mais me impressionaram. Mas, a ter de escolher um facto concreto dentro do campo histórico, teria de me fixar na ligação, que considero crucial, entre os Cavaleiros Templários e D. Afonso Henriques para a criação de um novo país, no caso Portugal. Para além da originalidade de toda esta questão, não deixa de ser algo que considero ter sido cuidadosamente planeado e com alguma antecedência conforme se poderá verificar pela leitura rigorosa dos vários momentos na História.

Portugal tem um passado rico e glorioso, motivo de orgulho para todos os Portugueses. Partilha desta opinião?

Obviamente que partilho dessa opinião, posto que basta abrir um qualquer livro que relate a História de Portugal para percebermos a importância do nosso passado histórico, repleto de factos, feitos e figuras que marcaram a Humanidade.

Porque acha que o nosso povo está fadado para o pessimismo, o desânimo, não utilizando em proveito próprio um legado nobre deixado pelos nossos antepassados?

Não é fácil dar uma resposta a essa questão. Tenho procurado ler aquilo que os grandes pensadores nacionais referem sobre este tema e muitos ligam esse “pessimismo” ao período que se seguiu à fase áurea dos Descobrimentos. Seja como for, parece-me também que o mito do sebastianismo também parece ser relevante para compreendermos essa tristeza


“Não acredito que a nossa História seja um tema finito”




profunda que parece grassar na alma portuguesa. Muito sinceramente, espero, ainda um dia, vir a dedicar-me com maior afinco a este aspecto sociológico.

Acha que os Portugueses amam a sua pátria, ou sentem vergonha dela?

Acredito piamente que, grosso modo, todos amem o seu país ainda que, por vezes, em períodos de angústia social, haja uma tendência natural para a depressão colectiva.

As raízes nacionais remontam ao Paganismo, mas hoje Portugal é um país fortemente religioso. Acha que a religião teve um maior papel a ajudar a construir ou a ajudar a destruir a nossa História?

Para um ensaísta, todas as fases da História são importantes para a construção de um país e em todas há importantes ilações que se podem extrair.

De todas as viagens que fez, qual considera ser o local que melhor preserva o espírito da nossa História em Portugal? Porquê?

Para poder redigir os meus ensaios históricos, e por vezes apenas por mero deleite pessoal, tenho tido a oportunidade de visitar imensos locais dentro do nosso país. Atendendo à grande quantidade de locais onde, efectivamente, a História de Portugal é preservada, quer pelos monumentos, quer pelas tradições e costumes, é-me de todo impossível seleccionar algum em especial. Ainda assim, não posso deixar de referir o Mosteiro da Batalha, o Castelo de Almourol, as ruínas romanas de Conimbriga, a Fortaleza de Sagres, a Cistânia de Briteiros ou a Anta Grande do Zambujeiro.

E qual considera ser o local injustamente menos conhecido, onde gostaria de levar todas as pessoas a conhecer o seu passado?

Neste caso em concreto, não se tra-

ta de um local, mas sim de locais, ou seja, creio que os monumentos pré e proto-históricos são escassamente visitados, dado que, em termos visuais, não costumam oferecer o mesmo impacto arquitectónico do que os locais de épocas posteriores. Ainda assim, visitar antigas povoações castrejas, ou mesmo antas, necrópoles ou menires, não deixa de ser algo igualmente apaixonante.

Acha que as autoridades públicas nacionais fazem um bom trabalho a preservar a nossa História e os nossos monumentos? O que mais o chocou ver a nível de degradação? E o que mais o emocionou a nível de preservação?

Sinceramente, acredito que as autoridades públicas nacionais têm feito um bom trabalho em preservar os monumentos e a História de Portugal, tal como tenho tido oportunidade de visualizar ao longo das minhas viagens. Aquilo que mais me emociona ao nível de preservação é o carinho crescente que denoto, da parte das populações locais, pelos monumentos da sua região e a forte disponibilidade para darem a conhecer as suas tradições e costumes.

Qual considera ser o local mais Místico em Portugal?

Acredito que, para cada pessoa, exista um local onde vão para sentir o “tal” misticismo especial, pelo que é uma pergunta que considero de “resposta aberta” ao sentimento de cada um.

Subscreve o lema “vá para fora cá dentro”? Qual o local que mais gosta de visitar?

Sem dúvida. Tenho a grata felicidade de conhecer vários locais dentro do nosso país e torna-se assaz complicado seleccionar o local que mais gosto de visitar. Ainda assim, a ter de escolher um, a minha opção pende para o Castelo

“acredito que as autoridades públicas nacionais têm feito um bom trabalho em preservar os monumentos e a História de Portugal”



Templário de Tomar, tendo em conta que ali consigo conjugar a beleza da História com a paixão das minhas raízes tomarenses.

Qual é o momento na História de Portugal de que mais se orgulha, e o que mais o envergonha? E qual as figuras históricas que mais aprecia e mais o desagradam?

Sendo, por natureza, uma pessoa com visão positiva e optimista da História e da vida, vou cingir-me apenas ao momento da História de Portugal de que mais me orgulho e às figuras históricas que mais aprecio. No que diz respeito à primeira parte da questão, creio que a época dos Descobrimentos seja relevante, tendo em conta perceber como um pequeno país, com escasso número de habitantes, conseguiu ampliar tanto os seus próprios horizontes. Dentro das figuras históricas portuguesas, D. Afonso Henriques é um nome incontornável, tal como D. Nuno Álvares Pereira ou D. João IV, cada um dos quais figuras cruciais na sua época e que, para além do mais, influenciaram, em larga medida, não apenas o presente como o futuro do país.

Tendo essa possibilidade, em que época da História escolheria viver? E que momento marcante gostaria de presenciar com os seus próprios olhos?

A época da História que mais aprecio é, naturalmente, a Idade Média. Se pudesse seleccionar um momento marcante, por mais curioso que possa parecer, creio que gostaria de ter assistido à construção de um Castelo, dado que me fascina a forma como, sem grandes meios técnicos, como actualmente dispomos, conseguiram os nossos antepassados criar estruturas de pedra tão impressionantes.

Como é que vê o nosso mundo nos dias de hoje?

Naturalmente, com alguma apreensão, atendendo à crise económico-financeira. Ainda assim, sempre com optimismo e crença em dias de bonança.

Com a crescente corrente unificadora a nível Europeu, acha que há o risco de países como Portugal perderem a sua identidade nacional?

Não acredito que haja algum risco de se perder alguma identidade nacio-


nal. Quase nove séculos de História são a melhor prova de maturidade do nosso país.

E quais são os seus principais interesses na vida, para além da História, e os seus objectivos enquanto indivíduo?

Para além da História, tenho entre a leitura, as viagens e o desporto os principais interesses da minha vida. Em termos de objectivos pessoais, o principal a destacar é o interesse constante no estudo de tudo o que me rodeia.

Algumas palavras finais?

Gostaria de agradecer a vossa disponibilidade para realizarem esta entrevista e espero que a mesma possa suscitar, ainda mais, em vós o interesse pela História de Portugal e, se possível, na leitura dos meus livros. •



In Otin Ihuan In Tonáltin Nicam Tzonquíca

BM Resende

"Aqui terminam os caminhos e os tempos."

Entre 1325 e 1521 do falso calendário cristão floresceu na América Central um dos maiores impérios alguma vez vistos, iniciado na improbabilidade do lago Texcoco no cumprimento da profecia transmitida pelo deus Huitzilpochtli, a busca pela águia em cima de um cacto. Facto expresso no Codex Mendoza e mais tarde adulterado cristianamente para a presença de uma serpente na boca da águia, simbologia presente na bandeira do México que serviu os propósitos das cruzadas evangélicas na erradicação dos males simbolizados como a serpente, personagem de significações extremamente negativas nas mitologias judaico-cristãs, tudo demonstrando um confuso absurdo pois a significação mais linear com a serpente é o deus Quetzalcoatl, associado com conhecimento e com a estrela da

manhã, parte integrante da cosmovisão Asteca. Visão onde Huitzilpochtli poderia ser simbolizado pela águia, atributos solares e guerreiros, partes de uma visão cósmica de equilíbrio entre os seus 3 mundos onde claramente não existia possibilidade de hierarquia com domínio solar sobre Vénus. Na perspectiva Asteca tais simbologias significariam a completa desordem cósmica e não um ponto de início de um império por uma tribo semi-nómada. A evolução e desenvolvimento de Tenochtitlán; cidade esplendorosa detentora da maior importância dentro da Tripla Aliança, provavelmente a maior cidade do mundo na altura em que existia. Aparentemente impensáveis surgem como produto natural da evolução do pensamento dos Maias aliado ao poderio militar e às profecias apocalípticas iniciadas em 3113 antes do profeta cristão, ponto de início do tempo Maia e a base de partida da sua complexa máquina

temporal. A contextualização espaço-temporal é de enorme relevância visto as complexas estruturas de contagem temporais nos contextos, não apenas complexas mas também incrivelmente precisas astronomicamente. A exemplo o tempo sideral, tempo que a Terra demora a fazer a volta completa em torno do Sol, calculada em precisão da astronomia moderna em 365,2422 dias, sabendo-se que o calendário gregoriano; o falso calendário cristão; conta 365,2425 dias, e o juliano, utilizado na Europa até 1582 ditava 365,2500 dias. Foi com uma excepcional mestria que os Maias atingiram os 365,2420 dias, sem relógios ou ampulhetas, provavelmente apenas com os seus escritos e anotações baseados numa observação do Cosmos constante. Não será então complexo saber que estes povos conseguiam entre outros feitos prever eclipses, contar intervalos de tempo curtos ou longos.



A chave dos maiores mistérios nas civilizações ameríndias parece residir na variável Vénus, a julgar pelas medições apresentadas no Codex de Dresde, um dos poucos escritos sobreviventes à destruição cristã, onde é encontrada, a talvez mais extraordinária medição astronómica Maia, o ano venusiano. O ano venusiano correspondente à medida de 584 dias, medida muito semelhante às das modernas observações, de 583,92 dias, acrescentando-se o facto das revoluções irregulares do planeta completamente observadas e interpretadas por estes fascinantes astrónomos, 5 revoluções sucessivas de 580, 587, 583, 583, e 587 dias. Interpretando o tempo interpreta-se aquilo que é suposto ser o espaço, assim sendo, ao ano sideral foi acrescentado o ano mágico, 260 dias, sistema vigesimal multiplicado pelo mágico número 13, ao que se obteve o ciclo de 52 anos, o ciclo provavelmente mais importante para a civilização As-

teca, altura onde uma enorme angústia se abatia na perspectiva do fim dos tempos, do mundo, pior ainda como se analisa seguidamente, o fim do último dos mundos, o quinto. Os enigmas Maias obtiveram resposta no seu complexo calendário, cidades abandonadas, migrações em massa, um estranho nomadismo onde sumptuosas cidades eram deixadas ao imperialismo da natureza. Após interpretação da sua complexa máquina temporal a nitidez dos seus mais profundos desígnios surge, o início do seu complexo sistema temporal revela-se em 3113 antes do profeta cristão, por motivos ainda inexplicáveis. Ora os seus sistemas temporais ditavam a existência de 5 mundos, com 1400 anos solares cada um, resultado elaborado de complexos cálculos baseados no seu sistema vigesimal, a calendariização mágica dos 260 dias, equivalente a 13 vezes o número 20, número mágico encontrado em todas as organizações

de tempo mágico dos Maias, acrescida ao número 5, contextualizado sobre os pontos cardeais, onde o centro também o era, e talvez o ponto de maior importância. O declínio Maia surge umas dezenas de anos antes do seu previsto fim do mundo, provavelmente a contagem imparável para o apocalipse os precipitou para a decadência, para a fuga dos seus impérios, para a asfixia temporal e angústia da morte, de cada indivíduo, da sua civilização, e do mundo, no século 10 do falso calendário o seu mundo acabara, não completamente, mas a colossal civilização se transformou rapidamente em tribos dispersas, provavelmente desconhecedoras de tão incriveis conhecimentos ou simplesmente temerosas da pesada máquina temporal.

Os Astecas surgem então como os prováveis detentores do quinto mundo, aliando conhecimentos vários dos seus antepassados à sua veia guerreira. Em



Tenochtitlán brotaram como uma colossal civilização, uma sumptuosa cidade da qual agora apenas se poderão fazer imaginações, à altura da invasão evangelizadora, Bernal Díaz del Castillo, um dos súbditos de Hernán Cortés, o déspota católico, escreveu o seguinte: “Não sei como descrever isto, estamos a ver coisas que nunca antes tínhamos ouvido falar ou visto, nem sequer sonhado”. Magnificência de limpezas absolutas, cerca de 1000 pessoas na cidade se dedicavam a limpá-la diariamente, não seria de estranhar que tais limpezas fossem um dos muitos choques para a moral cristã da comitiva conquistadora. Relatos de vários povos evangelizados fazem notar um dos pontos mais negativos da cristianice, o mau cheiro, dado que felizmente, ou infelizmente, não se vai conservando nas documentações escritas, provavelmente tomado como secundário. Não será difícil de perceber que seria bastante primário, antes de qualquer relação social adviria primariamente o cheiro, ausência de banhos, transpirações dentro de pesados vestuários, limpezas vistas como sinais de pecado de sensualidade e de feminilidades, antes de quaisquer impurezas de espírito e de mente será importante mencionar as impurezas do corpo, nada que fosse inovador na história da Huma-

nidade, o choque frontal da estranha cristandade contra os povos e natureza. Notáveis guerreiros e ainda mais notáveis seres em harmonia com a natureza, os Astecas produziram e reproduziram uma estonteante cultura, uma panóplia de deidades associadas a uma diversidade natural, um conjunto de diversos rituais executados sobre diversas festividades alusórias a diversos momentos marcantes na sua cultura, um dos mais obsessivos rituais efectuava-se no ciclo de 52 anos, a altura em que existia coincidência entre o ano solar e o mágico, altura esperada por um possível fim dos tempos e altura em que uma série de ritualizações eram feitas em súplicas aos deuses, para que um novo ciclo de 52 anos se iniciasse.

Poucos vestígios existem depois do extermínio espanhol e da evangelização violenta, livros queimados, estátuas e outras obras de arte em ouro derretidas, templos destruídos, e um sem número de atrocidades típicas nas tentativas de destruição absoluta de pessoas e culturas pelas cristianices. Um dos poucos exemplos que ainda subsistem é a Danza de los Voladores de Papantla, onde se podem efectuar algumas construções sobre a cultura que praticamente deixou de existir. Nesse ritual existe um poste a que sobem 5 homens, cor-

respondência com os 5 pontos cardeais, um no cimo toca flauta e dança enquanto os outros 4, com uma corda amarrada a um tornozelo vão descendo de cabeça para baixo num total de 13 rotações, sendo então 4 homens temos o número 52, o ciclo de tempo correspondente ao tempo que decorre entre a coincidência do calendário solar e o mágico; 4 elementos, terra, ar, fogo, água; 4 estações, 4 ventos, toda uma enorme significância ritual num evento que normalmente é visto por olhos desatentos como um mero entretenimento superficial e insignificante. Conseguindo um mínimo conhecimento da cosmovisão em causa, as coisas passam a ser mais que numerologias e geometrias harmoniosas, toda uma complexa estrutura de interacção humana com a realidade envolvente, e de apenas um exemplo se podem vislumbrar uma panóplia de rituais diversos com diversos deuses em causa e de múltiplas perspectivas, desde a necessidade de manter o ciclo solar através da dádiva à terra da fonte da vida humana, sangue, até alucinações e contacto com os deuses embriagados e com ingestões de cogumelos deificados, a complexidade e diversidade é enorme e em sintonia com os calendários, marcas de tempo de referência, a estrutura cultural Asteca é um hino ao ser humano e às





suas capacidades intelectuais e físicas, às suas formas extremas de interação com a natureza.

Elaborações de pensamento sobre sacrifícios humanos em contextos judaico-cristãos levam praticamente ao contrário do pensamento Asteca. Ora um dos aclamados motivos para o extermínio dos Astecas; (não todos, teriam de sobrar alguns para a escravidão obviamente), para a destruição total de Tenochtitlán e para a erradicação total de artes e escritos, foram os sacrifícios humanos praticados ritualmente. Estes inexistentes nas civilizações Maias, em profecias do fim do último dos mundos a necessidade de rejuvenescimento e de vida Humana sobre o seu sangue tomou lugar importante, a eminência do fim dos tempos era adiada, ou tentada, por esses e outros rituais de complexas contextualizações, não só o ritual era pleno de dignidade para o sacrificado, muitas vezes capturados em batalha, norma importante nos contextos, verter sangue no campo de batalha era considerado indigno para os deuses,

em batalha a necessidade mais prioritária seria conseguir prisioneiros, e muitas batalhas deveriam ser feitas somente para essa necessidade, guerras floridas e mortes floridas os nomes que tão sumptuosamente lhes davam. Ora em batalha os espanhóis pouco se preocupavam com a dignidade do sangue Humano, a chacina era feita brutalmente, aliás, indignidade de tentarem não lutar corpo a corpo, preferindo canhões e a altivez dos cavalos, provavelmente uma horda de bárbaros saída de Mictlan, o mundo sobrenatural subterrâneo, pior ainda as fogueiras da Inquisição, onde a morte rápida e de dignidade elevada com o mínimo de dor infligida nos sacrifícios rituais era o contrário, uma morte extremamente lenta na dose de agonia inimaginável e na tentativa de maior indignidade Humana possível. Bárbaros que chegaram e se fizeram convidados, que exterminaram os Astecas e aos sobreviventes lhes deram a escravidão e a futilidade e medo cristão. Do deserto feito em Tenochtitlán com canhões e incêndios os Aste-

cas se viram obrigados a construir a Cidade do México em cima dos seus anteriores lares, onde todos os deuses e diversos templos se converteram em cruzeiros e mais cruzeiros, em igrejas iguais a outras igrejas, onde a cor desapareceu, onde as flores também. Os seus tesouros, assim consideraram os cristãos, ouro por exemplo, perderam a sua riqueza ao serem transformados de obras de arte em retângulos, as poucas sobrevivências nem isso o foram.

Não apenas lhes levaram cruzeiros, fogueiras, barbárie, fedor, morte, destruição, subserviência, escravidão, mas também a arma que se revelou na fonte de vitória para os forasteiros selvagens, as epidemias europeias, em toda essa peste se sucumbiu uma apoteose Humana e cultural, uma cidade que seria das mais belas alguma vez feitas no planeta, tudo aquilo que merece ser desenterrado e mostrado ao mundo, o que merece ressuscitar e voltar em esplendor, sejam esses demônios inspirações para futuros, para filosofias de vida e artes, para rituais plenos de significância. As fertilidades e chuvas de Tlaloc vivem, o poder de Huitzilopochtli sente-se, a estrela da manhã Quetzalcoatl vê-se, os xamanismos de Tezcatlipoca iluminam, Tonatiuh brilha de dia, Metztli ilumina a noite. Enquanto o Homem é Homem, os Astecas vivem... •

“Foi com uma excepcional mestria que os Maias atingiram os 365,2420 dias, sem relógios ou ampolhetas, provavelmente apenas com os seus escritos e anotações baseados numa observação do Cosmos constante”



Ficheiro mitológico sobre Set

Mosath



O Antigo Egipto é uma das maiores mitologias de todos os tempos. Em moldes próprios de escalas incomparáveis, a civilização do Antigo Egipto deu provas ao mundo de uma existência grandiosamente frutífera. As suas terras, os seus climas, as cidades e arquitecturas fabulosas, os seus segredos, as virtudes e as necrópoles, persistem em fascinar o Homem que nasceu e que vive tantos anos após, facto deveras alusivo ao âmago que uma mitologia representa...

O Antigo Egipto era atestado de crenças aguerridas e imortais, com partes destas sobre a areia do deserto e com partes debaixo da mesma. A tonalidade brilhante da areia, pertence reverencia-

do do Nilo, evocava uma majestosa vivência do povo que iniciou processos de vida num mundo de mistérios frescos. Os antigos egípcios lançaram sementes criativas e originais aos regos do quotidiano do Homem, esses antigos que como povo foram poderosos e hierarquizados, como seres individuais foram precursores de causas imortais e como politeístas foram artistas de uma imensa imaginação. Os habitantes do Antigo Egipto veneravam e seguiam diversos deuses, uma grande quantidade deles, todavia alguns habitantes entraram numa consciência de maior veneração a um tipo ou nome de deus, sem nunca deixar de respeitar todos os outros, mas procurando uma fidelida-

de mais aprofundada com um dos planos. As escolhas eram feitas mediante uma curiosa harmonia com o seu próprio livre arbítrio, o que não impediu que esquecessem tradições ou culturas vitais. Em pormenor, um seguidor de um dos deuses fazia escolhas conscientes sobre as suas prioridades e sob os seus interesses.

O Antigo Egipto foi um local grandioso, rico, que se expandiu exponencialmente sob cintas imperiosas, e que posou para a fotografia como um fértil império do Antigo Mundo. O clima, a riqueza dos recursos naturais e toda uma beleza pura ofereceram as vantagens e os seus recreios à evolução do Homem naqueles tempos. O Antigo



Egipto, no seu íntimo de sucesso, totalizou mais de três milénios de existência. Essa existência divide-se, por entre laços finos, unidades de prosperidade, poder e com acontecimentos marcantes, numa forma relativa em alguns pares de dinastias, linhagens, monarquias, impérios...

Os antigos egípcios coroaram-se com luxo em noções de dinastias, as quais tendo sido equilibradamente prósperas e/ou complexas, procedendo em bom compasso os seus nomeados reis de forma natural, sem especulação. Uma mão grande de egiptólogos pretendeu quebrar o Antigo Egipto perante as ditas noções das dinastias, portando a ideia de um fluxo homogéneo na cronologia. Por outro lado, variadas análises à história total do Antigo Egipto propõem uma divisão realmente discriminada, com aspectos de fundamentação sobre as proveniências e qualidades dos faraós. Essa

divisão, estudo à memorável sociedade do Antigo Egipto em massa, expõe-se em trinta dinastias e é a Manetho, um sacerdote greco-egípcio, que a mesma

é atribuída. A sua personalidade, que viveu na era de Ptolemy I, dissipou muitas manchas na interpretação da linhagem dos imperadores do Antigo Egipto. Porém, mesmo a sua interpretação contém alguns nomes de faraós em dinastias confusas onde estes se encontram envolvidos.

A Mitologia é como que uma história de deuses e heróis excepcionais da Antiguidade, com ocorrência em culturas greco-romanas ou em outros povos, onde encaixa o estudo dos mitos na sua natureza prática em factos irracionais e factos mais lúcidos. A Mitologia, no âmbito de decomposição, compreende datas e frases destinadas a pilares de espaço-tempo na temática do Antigo Egipto usualmente aproximadas, ao invés de peles com literais conhecimentos. Em muitos casos, não se conhece pormenorizadamente quanto tempo um faraó governou ou respirou e há fontes, textos e narradores que tendem a contrariar, negar, ou ainda, diferenciar posições. As deturpações de registos de tempo e medidas de calendarização ajudam ao avermelhar das noções e a que exemplos do Antigo Egipto sejam analisados num modo relativo, nunca íntegro, num meridiano mental de pequena especulação.

A construção de monumentos e a criação de artefactos e as sequências de eventos foram de maior importância na fase da Humanidade em questão, por isso é que insufla nos estudiosos e curiosos esta aproximação de teorias, visualizando as idades de cada dimensão. Existe nas secretárias mundiais uma extensa lista de património antigo que acolhe os mais importantes monumentos e sítios arqueológicos do Antigo Egipto, lista essa que acarreta diversidade de funções, localizações e conclusões. Locais como Giza, Abu Rawash, Memphis e Valley of the Kin-

Entender a antiga civilização egípcia é entender ainda que a mesma floresceu em quotidianos de trabalho, responsabilidades, cultos, sabedorias, experiências e engenhos dissemelhantes. Uma população que viu os olhos do Mundo fortemente atraídos à sua língua, às suas leis gramaticais e às suas funcionalidades inteligentes a partir dos papiros.



gs, figuram na lista dos monumentos e locais de crucial especialidade do Antigo Egito, aos quais se retirada a importância unilateral que carregam, mostram-se ao mundo com qualidades e propósitos muito distintos entre si.

Entender a antiga civilização egípcia é entender ainda que a mesma floresceu em quotidianos de trabalho, responsabilidades, cultos, sabedorias, experiências e engenhos dissemelhantes. Uma população que viu os olhos do Mundo fortemente atraídos à sua língua, às suas leis gramaticais e às suas funcionalidades inteligentes a partir dos papiros. O Antigo Egito glorifica-se, mas não só, em mitologias, visto que o seu povo reuniu passagens lendárias, tratando-se uma delas da imortalidade... fenómeno com o qual as próprias mitologias se honram e de que equitativamente sofrem.

Numa miscelânea de compostos, de temperamentos e deuses, o Antigo Egito cresceu em mensagem e corpo. Não houve um dia em que a força e a curiosidade não comandassem o navio da população e essa força e curiosidade eram fluidos dos seus deuses. No meio de planos diversos, um dos deuses afirmou-se como uma lâmina afiada e pronta a incendiar canas de normalidade ou rebanhos de mediocridade, lâmina essa que cortava a partir do seu canto embrenhado e azedo. Esse deus, pungente, era Set, personagem vil e altruísta pelos fortes, que agiu em conformidade de si mesmo para dar uma história digna de ser contada no quentinho das atenções do Homem.

Na mitologia egípcia, Set (igualmente escrito nas formas Sutekh, Setesh, Seteh, Seth) é um antigo deus recheado, originalmente o deus de um dos principais pólos que constituem o Egito, o deserto. Set fora popular inicialmente no Delta Oriental, mais concretamente em Pelusium, e nesse local concederam-lhe a fama do deus da iniciação. Set teve também Tanis como seu local de culto, no Delta Norte do Egito (o Baixo Egito), em que era considerado deus e senhor. Set foi representado no muro da fama como um animal extravagante de grandes orelhas e com o cabelo vermelho, o qual faz lembrar um cão, um burro, um cavalo...



Set, irmão de Osiris, ficou associado às ideias de caos, infertilidade, deserto e tempestade. Set ficou na auréola da oposição da fertilidade de Osiris, porque este último representava um Egito, uma vida, fértil. Set engodou Osiris, a determinada altura, a uma inusitada armadilha, na qual o assassinou e o deitou a marés mais distantes do Nilo, corpo que apesar do estudado exercício viria a ser descoberto.

Set e o deus Horus lutavam pela soberania maior do Antigo Egito, um chefe do Norte e outro do Sul e à medi-

da que Set ganhava terreno, os adeptos de Horus alvitavam o irmão de Osiris como um terrível adversário que merecia ser derrotado com exactidão. Horus viu-se a vingar mortes e ódios, quando jurou governar plenamente o Antigo Egito para escorraçar para sempre Set das areias. Num conselho de deuses, no qual Ra era o governador, criou-se renitentemente decisão de expulsar Set, por ser de dia para dia um adversário mais tenazmente inteligente. No final do conselho e numa astúcia de deusa, Isis levou Set a condenar-se

“O Antigo Egito foi um local grandioso, rico, que se expandiu exponencialmente sob cintas imperiosas, e que posou para a fotografia como um fértil império do Antigo Mundo.”



em palavras e opiniões em relação a poderes em volta de Horus e ela própria. Foi nessa situação de sedução que Set se travou na visão de se afastar de domínio, do cargo, da luz do trono do Antigo Egito.

Contudo, em tempos, Set também foi um lutador da luz, da comunidade límpida, quando sob divisa do sol de Ra. Continuadamente, auxiliando os seus benfeitores e/ou benfeitor de outros, lutou repetidamente com um monstro semelhante a um réptil desagradável, Apep, durante as viagens por submundos do Antigo Egito, mundo que o acolheria como seu imperador/nativo.

Set reunia forças imensas do Egito, forças da discórdia, e foi em dinastias como a décima nona e vigésima, que alguns faraós o incorporaram na sua razão de viver, como, por exemplo, Seti.

O deus Set era filho de Nut e, num momento da História, tornou-se a iden-

tificação do caos essencial, já que havia a necessidade de existir a dualidade com o vector da ordem. Set tal qual foi conhecido através dos tempos, através de lutas, palavras, demonstrações, que travou e usou, teve esta honra, que foi a de ter sido adoptado como a personificação do próprio deus dos antigos Hyksos. Set é igualmente conhecido como uma das mais velhas formas do arquétipo de Prince of Darkness, numa simbologia da mitologia da consciência temerária e individualista.

A sua supremacia e a sua graça remontam a épocas anteriores às intituladas dinásticas do Antigo Egito. Fala-se de imagens do deus Set datadas antes de 3200, 3800 antes da denominada "Era Comum" (EC). No Antigo Egito, Set intercalou as suas veias feridas em períodos de imensa glória e em períodos de total rejeição. Nos tais períodos antecedentes às catalogadas dinastias, nos tempos de todo arcaicos

no planeta, Set era uma divindade essencialmente positiva; edificando-se, visto como uma extensão da existência, uma metáfora da abstracção das normas para subir/avançar mais. Portanto, Set fora visto como um deus da expansão dos limites e fronteiras e das mudanças radicais do ser, da criatura.

A máxima da imortalidade no Antigo Egito tinha que ver com a adoração original de Set como uma divindade estelar, por isso é que muitos locais foram identificados como de culto a Set, servindo estes de prova para a real etapa ascendente que a figura deste teve nos ambientes do deserto mitológico. Já referida a verdade de que existiram momentos de fraca celebração do nome de Set e, exceptuando a adoração feita à ideia da imortalidade, um desses momentos foi aquando do surgimento da comum adoração solar, que aconteceu um pouco antes da primeira dúzia de dinastias. A grande pirâmide de Giza é de facto um dos últimos monumentos primitivos ligados ao êxito de adoração da filosofia esotérica da vida após a morte de e em Set, mas também é ligado ao título de monumento solar e o qual era corpóreo inerente à grandeza da existência no Antigo Egito. A grande pirâmide estava relacionada intimamente com Set, devido à coluna de ar especial no interior servir para que o "Akh" do faraó (basicamente, a noção da eficácia de vida, a obra, o sumário das acções numa essência qualitativa) voasse perfeitamente para a estrela Alpha Draconis, que é a estrela de Set na constelação da Ursa Maior.

No início da XXII dinastia, o Antigo Egito encarou um dilatado declínio e Set tornou-se uma divindade tremendamente impopular. O culto a Set cessou na quase totalidade dos lugares, excepto em alguns oásis a ele associados e na cidade de Tebas, cidade em que o seu culto se deparou de alguma forma naufragado no culto de Montu, senhor egípcio da guerra de Tebas. Este subterfúgio levou a que os aspectos negativos de isolamento e destruição fossem enfatizados em bola em Set.

O Antigo Egito viveu etapas únicas, assistiu a diferentes correntes de água e ainda condescendeu decorações na Natureza pela mão do Homem. Na mitologia egípcia, um passado que requer segundas análises a pontos comuns faz existir versões continuadas, diferentes e com novas partes dentro duma mesma história. O deserto era já abismal e os adoradores de Set viam a morte de Osiris como um ingénuo afogamento. Apesar de outrora Set ter sido agregado, submisso, a um simples simbolismo da união entre as partes do



Antigo Egipto, o deus do Baixo Egipto guardava-se na função essencial de expandir os limites da existência e da renovação de energia caótica ao centro do Universo. Para os antigos adoradores de Set, ele era a escuridão implacável que unificava a luz egípcia e apelavam a que o assassinato de Osiris não era mais do que inerente destruição das restrições da sociedade e da aquiescência da mudança e cultivo próprios em confronto com os rasgos que levam à estagnação.

Os Hyksos, estrangeiros que invadiram e governaram o Antigo Egipto durante o segundo período intermédio (aproximadamente, da dinastia XII à XVII, 1785 a 1580 antes da Era Comum), identificaram-se deveras com Set. Este povo firmou-se com grandes cavaleiros, lutadores e adeptos de magia e foi sob este povo que as figuras do cavalo, do cão agressivo ou do asno ganharam um peso verosímil na identificação de Set.

Set simbolizou a corrente máxima de um pensamento forte e nas dinastias XIX e XX viu chegar à linha dos faraós uma família de sacerdotes de Tanis, obviamente anexados ao culto de Set. Ao longo de tempos de expansão de fronteiras de diverso cariz, Set era extraordinariamente virtuoso, como pôde ser visto através dos nomes de faraós como Seti (que significa um homem de Set) e Setnakt (que significa que Set é poderoso).

Intercalando teias e detalhes, na mitologia do Antigo Egipto conta-se a história da metamorfose de Set num colono que viajava languidamente para uma estrela, para representar o indivíduo que, através de trabalho árduo, através de habilidades mágicas e através do uso da resistência ao/do mundo, torna-se superior, além fronteiras, divino... Set era contado como uma particularidade da projecção psíquica, o qual com os poderes de vontade reflectia o dogma que procurava acabar com as desilusões da vida, assim como reflectia a natureza veneradora da consciência religiosa e a fonte interior de responsabilidade suprema em todas as coisas.

Set representou o colossal deserto do Antigo Egipto, associado às gazelas, burros e a outras criaturas que vivem na borda do deserto. Ao mesmo tempo representou a exactidão da dimensão de um ser estéril, seco, comumente associado ao lado homossexual e uma das maiores curiosidades em volta de Set é a de que a comida favorita dele era a longa e firme alface egípcia, da qual jorraria uma substância leitosa quando muito esfregada.

No globo da arte, um plano representativo do Antigo Egipto, Set foi quase sempre representado como uma criação anómala, misteriosa e desconhecida, de focinho curvado e com orelhas quadradas, que tanto era mostrado como uma besta, como um ser humano com a estranha cabeça de animal. Uma informação muito proliferada quanto às representações de Set é a de que antes de 3000 antes da EC existiram bestas mistas e demais criaturas arcaicas com que se tentou associar a imagem de Set, para se fixar origens e comparações.

Outro acontecimento na mitologia do conflito pela coroa do Antigo Egipto explana-se no cerne de Horus ter sido representado como aquele lutador acérrimo contra a facção de Set. Num dos combates, a representação artística prevê Horus a arrancar os testículos a Set, mostrando isto que Set admitiu-se na mitologia egípcia como vítima de completa infertilidade. Ao passo que Horus sentiu parte de um dos seus olhos cortada, relacionando isto a que, originalmente, continha a hipérbole ancestral de que os seus olhos eram o sol e a lua, ou seja, Horus ficou na arte do Antigo Egipto encarregue de explicar o porquê da lua ser menos brilhante do que o sol.

Entre demais casos do foro natural e corporal até, Horus viria a provar a sua natureza de herdeiro maioritário do Antigo Egipto à arte que ficaria para os tempos vindouros. Todavia, mesmo com o papel de herdeiro de Ra na terra, Horus não pôde ignorar o facto de que Set assumia o papel de herói principal de Ra, quando este embarcava nas viagens ao submundo. Horus era o líder do Antigo Egipto de Ra e Set era o guarda-costas de Ra no mundo que pertencia a Set. Realmente, o legado da arte do Antigo Egipto mostra-nos Set representado na proa do navio da noite de Ra, quando enfrentava Apep nas suas múltiplas metamorfoses e qualidades, mas, surpreendentemente, em algumas representações do final de um período categórico, Set assumava-se com cabeça de um falcão (animal representativo de Horus), factor que então o humilhava numa aparência externa do seu inimigo. Esta assimilação também leva à mão presente de Osiris neste capítulo, pois este sempre instituiu por proximidade o submundo às mãos do deus dos mortos, Anubis, e assim conseguiu deixar na herança artística do Antigo Egipto Set como submisso ao heroísmo de Horus, contrariando assim a sua fogosa individualidade.

Sublinhando Set como a coqueluche da maldade no Antigo Egipto que

“O deus Set era filho de Nut e, num momento da História, tornou-se a identificação do caos essencial, já que havia a necessidade de existir a dualidade com o vector da ordem.”

albergava ainda características xenófobas, ficou situado entre umas das criações que os egípcios mais temiam, os crocodilos e os hipopótamos. Set parece ter sido entregue muitas vezes à personificação em outros deuses poderosos de outros impérios rijos; exemplo de Baal, cônjuge de Astaroth; exemplo de Teshub, deus do firmamento e o viciado em tempestades; exemplo ainda dos Antigos Gregos que ligaram Set com Typhon, porque viam ambos imbuídos em forças destruidoras, imensas, no fundo, entidades que nutriam ódio a deuses principais.

Ao longo dos tempos, entre perspectivas de disformes temperamentos, Set ficou na arte lembrado, nas paredes de sabedoria, como o líder do submundo, o combatente por Ra, o senhor da parte Norte do Antigo Egipto, o estranho mamífero, o deus bravo dos Hyksos, o arquétipo de outros opositores como os antigos opressores persas, os Antigos Gregos ofensivos e as deidades negras. Finalmente, os Romanos foram os que mais celebraram as derrotas de Set, mas mesmo no pico do júbilo não impediram que Set fosse ainda assim considerado dono e senhor de si e das forças do antigo deserto, nem impediram que fosse edificado a ele um templo final, o de Mut al-Kharab.

Há alterações nas coordenadas da História, desacertos, lançamentos de posições físicas de par em par. A Mitologia não foi censurada, mas sim ingerida. O Antigo Egipto estancou-se em zonas de tempo e espaço muito distantes, mas as suas criações, crenças e aspectos, chegaram aos tempos de hoje com algum mérito e agora o deserto apresenta tons de uma outra moda.

É evidente que as religiões ou filo-





sofias mais centradas na consciência e no desenvolvimento intelectual foram, ao longo dos tempos, mais exigentes do que as restantes que se acondicionam nas linhas mais fáceis de pensamento ou em abundantes estímulos em correntes e/ou acções sem aparente responsabilidade. O tipo de elitismo que está em questão, a exigente inteligência para as razões da consciência, existiu na antiga sociedade do Egito, por exemplo, e não se dispersou com o avanço das datas, porque hoje em dia ainda se encontra vivo em moldes, mesmo que incompreendidos ou admirados.

Set procura sobretudo honrar e preservar a consciência, porque simboliza a tentativa de compreender o que faz com que cada um dos humanos seja individualmente único, ao mesmo tempo que se fomenta esse dom para que cada humano se torne mais forte em todas as suas facetas. Este é um processo para a criação de uma essência individual e poderosa que existe acima e além da vida animal. Este é, nestes parâmetros, o verdadeiro veículo para a imortalidade pessoal.

A individualidade, a intensidade e as metas pessoais, cabem apenas a cada indivíduo, independentemente dos graus ou resultados. O culto a Set nos dias de hoje, em determinadas instituições, sobrevém na teoria passada à prática, com sabedoria consciente, ao invés de emoção ou impulso. No actual mundo fútil, Set é o parâmetro da ausência de metas ignorantes, é a ponte de um senso de disciplina capaz para alcançar invulnerabilidade na vida. No culto a Set, também se acolhe a habilidade de reconhecer, iniciar e completar grandes missões. O legado de Set existe em

grande parte na área da magia negra, assim apelidada por ser o contrato com a inteira responsabilidade pelas acções, opções e prestações, que quem a pratica assina. A religião actual de volta de Set utiliza um longo espectro cultural e conceptual de ferramentas mágicas, não somente as egípcias, e não se coíbe de encontrar novas abordagens e técnicas. Existem alguns tipos de magia dentro da magia de Set, para cada fim pretendido, mas basicamente todos representam determinadas mudanças individuais ideais, no sentido relativo em que aquele que as pratica pode experimentar um nível superior de si mesmo, a sua divindade. Set não se fixa em rotinas ou massas, por isso é que os seus adoradores cooperam apenas uns com os outros, ao invés de se juntarem em programas e grupos, os quais muito desperdiçariam a autenticidade de cada um dos seguidores de Set.

Os cultos e as instituições esotéricas são mantidas por hierarquias de qualidade, de resultados, por isso um seguidor de Set dentro de um grupo legal tem que apresentar trabalho, mérito e consciência criadora, se deseja ascender a patamares superiores de estudo. A qualquer seguidor de Set são apresentadas as linhas do sistema, cabendo a cada qual mostrar a disciplina, a aprendizagem, a excelência e a dignidade redondas. Visto que Set é tido como a referência máxima no Universo para um seguidor deste, resume-se que o culto é feito com todo o respeito e encaixando na atitude toda uma devota vontade em fazer evoluir o nome do antigo deus. Set é celebrado por meio dos ensinamentos que este deixou, os quais existindo condicionados em li-


“No actual mundo fútil, Set é o parâmetro da ausência de metas ignorantes, é a ponte de um senso de disciplina capaz para alcançar invulnerabilidade na vida. No culto a Set, também se acolhe a habilidade de reconhecer, iniciar e completar grandes missões.”


vros ou pergaminhos, lidos e cantados pelos adoradores da sua essência. O conhecimento de Set é mutável, tal como o Universo, logo é normal existir várias formas de um só escrito. Set é adorado em formas mágicas, filosóficas, ritualistas, diversos tipos de estimulação artística ou consciente, mas muitas vezes as tonalidades que perturbam olhos ignorantes são tomadas como um veículo para claramente separar o trigo do joio, a nata da prata, como se necessárias apenas a preencher um lado de gozo metafórico na personalidade de Set face ao mundano e não tidas como regulamento da existência. Set é escolhido num lado muito profundo, na maturidade e na área própria do poder, de um intelecto, já que é visto como a matriz que imortaliza a consciência que age sob a habilidade total.

Os seguidores de Set vêem o mundo como uma galeria enorme de procura por bodes expiatórios para que respondam pela infelicidade que este sente por si próprio, logo são as responsabilidades e prudências por manter intocáveis os assuntos de foro singular e de maior importância progressista, que fazem com que o culto a Set respire calmamente em tronos e altares afastados da sociedade barulhenta, das pessoas de língua aguçada e mente estática nos dias de hoje. E o submundo continua, inteligente, pouco iluminado... •



Infernus

ANTOLOGIA VOL. 2

Disponível na Loja Online da APS
e em revendedores especializados.
142 páginas A4, impressão a cores em papel de alta qualidade.

**Infernus complementada com muito material inédito.
O Satanismo em todo o seu esplendor!**

